

MANUAIS de CULTURA MORAL

COLEÇÃO INAYAT KHAN

VIII

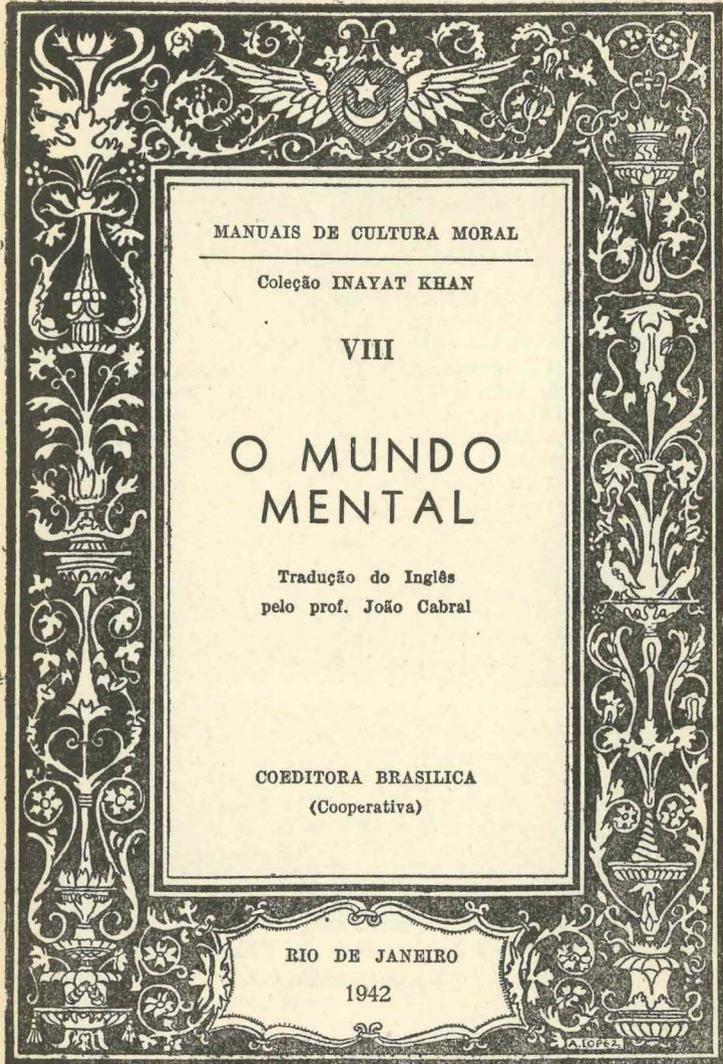
O MUNDO
MENTAL

TRADUÇÃO DO INGLÊS
PELO
PROF. JOÃO CABRAL

RIO DE JANEIRO
1942



O Mundo Mental



MANUAIS DE CULTURA MORAL

Coleção INAYAT KHAN

VIII

O MUNDO
MENTAL

Tradução do Inglês
pelo prof. João Cabral

COEDITORA BRASÍLICA
(Cooperativa)

RIO DE JANEIRO

1942

A. LOPEZ

OBRAS DA MESMA COLEÇÃO
E DO MESMO AUTOR

VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

- I — Formação do Caráter
- II — O Objetivo da Vida
- III — A Saúde e sua Conservação
- IV — A Molestia, suas Causas e sua Cura
- V — A Educação — 1.^a parte: A Educação da Criança.
- VI — A Educação — 2.^a parte: A Educação da Juventude
- VII — A Cultura Moral
- VIII — O Mundo Mental

A SEGUIR:

- IX — A Vida Interior
- X — As Artes
- XI — A Linguagem Cósmica
- XII — O Misticismo do Som
- XIII — A Filosofia
- XIV — A Alma, de onde vem e para onde vai
- XV — O Caminho da Iluminação
- XVI — O Jardim das Rosas
- XVII — A Unidade das Idéias Religiosas
- XVIII — O Vadan, ou A Sinfonia Divina
- XIX — O Gayan, ou a Música do Silêncio.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA
(cooperativa)

RUA 13 DE MAIO, 44-A — TEL. 42-3112
Rio de Janeiro



INAYAT KHAN
Na fase da sua penetração no mundo mental

ÍNDICE

Prefácio da Edição Brasileira	7
I — O Palácio dos Espelhos	15
II + A Concentração e a Reflexão	25
III — As Imagens Mentais	35
IV — A Influência do Sucesso ou Fracasso..	40
V + O Pensar, Desejar e Tornar-se	51
VI — Os Reflexos do Coração	57
VII — O Devotamento do Coração	64
VIII + A Natureza da Alma	70
IX + A Natureza da Alma depois da morte	75
X — As Qualidades herdadas	88
XI + A Influência do Mestre	94
XII — As Lições da Vida	102
XIII + A Concepção de Deus	110

Aqueles que desejarem especiais informações sobre o Movimento Sufi fundado por INAYAT KHAN podem se dirigir a

SHABAZ C. BEST

Rua Julio Ottoni, 579

Santa Teresa

Rio de Janeiro

PREFACIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA

Este livro é mais uma demonstração da original e penetrante visão de Inayat Khan, e segue apropriadamente a publicação das suas últimas obras sobre a Educação da Infância, do Menino e da Juventude.

Nesta exposição, fornece o Autor abundante prova de que a Mente é semelhante a um espelho, e diz que por isso é que os poetas Sufi têm chamado ao Mundo Mental "Palácio de Espelhos".

O Processo inconsciente da reflexão é um mistério que apenas se começa a compreender, mas sua justa aplicação habilita uma pessoa a conseguir tudo que deseja. Revela-se a reflexão primeiramente nos animais domesticados pelo homem, porque, parecendo que eles manifestaram a própria inteligência, mais das vezes é a reflexão dos pensamentos e desejos daqueles que os têm criado e treinado. Uma pessoa que

tenha desenvolvido sua força de vontade pela concentração mental será capaz de dirigir sua atenção para qualquer assunto em que estiver profundamente interessado, e refletindo sobre a sua mente a imagem desse assunto lembra-se das suas qualidades e compreende a sua natureza. Construindo imagem mental, pode mesmo transmitir o quadro à mente de outra pessoa. O Autor explica ademais que, do ponto de vista psicológico, a mente é a superfície do coração, e o coração é a profundidade da mente, portanto ambos têm a qualidade refletiva. A voz de uma pessoa sincera penetra no coração, enquanto que um pensamento superficial, vindo da superfície, não pode convencer nem influenciar outras pessoas profundamente. Nisso está o mistério da telepatia, porque dois corações afinados com simpatia e sinceridade podem comunicar seus pensamentos e sentimentos um ao outro, mesmo a uma grande distância que os separe. Essa transmissão não é por meio de palavras, mas de idéias, as quais podem ser transmitidas na forma de uma pintura, que a mente traduzirá em forma de palavras. Por uma razão semelhante, podemos sentir a gentileza ou maus sentimentos de uma pessoa, sem que ela profira uma palavra.

Analisa Inayat Khan o mistério subjacente na escrita automática, nas obsessões e comunicações com o morto, e explica os perigos que acompanham tais práticas por individuos des-treinados ou desqualificados. Mostra também o racional do otimismo e da oração, aponta como pode uma pessoa de coração puro anular maus pensamentos de outras, e trazer boas influências à própria vida. Diz ele que os erros passados podem ser degraus de pedra para o sucesso presente e felicidade futura, quando a inteligência treinada se torna criadora, e o objeto desejado se apanha refletido no espelho da mente.

O axioma familiar "como pensais, assim vos tornareis" é posto em relevo, e segundo a força de vossos desejos assim se realizarão vossos desejos. Se um homem de negócios pensar constantemente em sucesso e nos melhores meios de alcançá-lo, seguramente será bem sucedido, especialmente se for seu desejo manufaturar artigos uteis, e prestar bons serviços ao público. Se ele, porém, procurar proveito pela destruição ou perda de outrem, esse pensamento, eventualmente, reagirá e refletirá sobre ele mesmo, e assim lhe trará desastre. A luz da Verdade, e da Beleza, e a da Abundância,

todas vêm dos planos mais altos, e passam através do coração humano para a mente. Assim, quando o coração está coberto pela fria indiferença à felicidade dos outros, isso impede o trânsito de tais dons do alto. É a expansão do coração por pensamentos delicados e ações generosas que abre o caminho para os dons e bênçãos do Infinito.

O segredo da felicidade é definido também pelo Autor, que diz as pessoas que pensam em coisas belas verão e colherão beleza ao redor de si. Mas o reverso é também verdadeiro, e os pessimistas acharão justificação para sua dúvida e desespero. Daí a necessidade de resguardar nossos pensamentos e atitude em relação à vida. Por exemplo, a associação com pessoas que estão acostumadas a ter má sorte espalhará suas condições de infelicidade ao redor delas, enquanto que se um homem de negócios se associar com parceiros que forem bem sucedidos na vida, isso aumentará sem dúvida o sucesso e prosperidade dos seus negócios.

O místico e o vidente retiram todas as coberturas materialísticas dos seus corações, e assim podem focalizar sua luz como queiram. Podem perceber, portanto, a natureza e alma de outra pessoa, sem esforço, porque isto se

reflete naturalmente no espelho dos seus corações. Ainda mais, o coração humano está de posse da chave para a solução dos maiores mistérios da vida, o que é prova da existência de Deus, porque o coração é o sacrário do Templo de Deus. Quando o homem compreender verdadeiramente a sua própria natureza espiritual como um ser imortal, compreenderá melhor a natureza divina de Deus.

A alma reflete a beleza dos planos através dos quais ela passa no seu caminho para a incarnação. No domínio angélico, se manifesta ela como anjo, no mundo dos gênios, reflete dos gênios as qualidades, e no plano físico do homem, toma a forma humana, o que demonstra mais uma vez o efeito da reflexão.

É inútil lamentar o passado, só o presente é nosso para que façamos dele o que quisermos, logo o futuro será como desejarmos. Aqueles que acreditam em Céu e inferno os experimentarão sem dúvida depois da morte, segundo suas próprias idéias. Se criarmos agora um purgatório e um paraíso em nossa mente e coração, os acharemos na outra vida, porque cercamos a alma de tudo que na terra colhemos. Quão necessário então tentarmos compreender e achar a verdade nessa matéria, aqui e agora.

Inayat Khan conta-nos tambem que enquanto vivemos neste mundo a alma está coberta pela personalidade, que não é nem permanente nem imortal; esta ilusão de separação individual dura somente até que a alma se capacite de que é parte do Divino, Aquela Suprema Vida e Fonte de tudo. Esta convicção é a méta e destinação da vida humana.

Explica-nos tambem que herda cada pessoa algumas qualidades dos seus ancestrais e raça, tal como de seus pais. Qualidades tambem traz a alma, das esferas, através das quais passa no seu caminho para a terra, e isto importa para o aparecimento de gênios numa familia sem evidência anterior de tais qualidades.

Aprende-se de todos os mestres; primeiramente dos pais, depois, dos professores na escola, e mais tarde, da vida no mundo. Entretanto maior influência pode vir de um mestre espiritual, por meio da reflexão de suas maneiras e vida, sobre a mente e o coração do discípulo, em silêncio. As obras de um artista inspirado vêm da alma, e quando justamente compreendidas penetram nas almas dos outros. Grandes artistas são como espelhos, refletem a verdade e a beleza das esferas superiores; daí a influência elevadora da verdadeira arte e cultura

pois que todo mundo tende a refletir as impressões ao seu redor. O nosso Autor diz ainda mais que a disciplina de si mesmo conduz ao controle e ao dominio de si mesmo, e por meio desta força pode a pessoa dirigir e governar sua vida e evolução. Neste caminho, o segredo da serenidade é ficar "cego e surdo a tudo que for desagradavel", então melhor responderemos a tudo que for "bom, belo e verdadeiro".

Grandes chefes e artistas criadores têm sido inspirados pelo reflexo da vida e obra de outros que os precederam, sempre em mais altos graus. As maiores almas, tais com Jesus Cristo, procuraram fazer a Vontade e refletir a Natureza Divina de Deus; nesta aspiração podemos compreender o mistério de personalidades divinas, Mestres e Profetas.

Para explicar como a consciência de Deus abraça todo o universo e ainda transcende toda manifestação, Inayat Khan compara-O com o homem, que sente a alegria da saúde, ou a pena da moléstia, e entretanto pode elevar a sua consciência acima dos limites do corpo e da mente, como um prisioneiro pode ignorar sua cela e pensar em passadas cenas de deleite. Assim podemos nós alcançar a força para elevar-nos acima de todas as influências contrárias da vida,

e ficamos senhores do nosso destino. Diz ele que o segredo é fazer o coração vivo, pelo amor e a devoção, pela gratidão e o serviço despido de egoísmo, no caminho da conquista espiritual. Por meio de tais esforços ficaremos aptos a focalizar a nossa mente e o coração para Deus, primeiramente idéializando-O, e depois Realizando-O.

Rio de Janeiro, Março de 1942.

SHABAZ

I

O PALÁCIO DOS ESPELHOS

O mundo mental, na linguagem dos poetas Sufís, chama-se *Aina Khâna*, que significa o Palácio de Espelhos.

Dos fenómenos que encerra esse Palácio de Espelhos, muito pouco sabemos. Não somente entre os seres humanos, mas também na criação inferior, encontramos os fenómenos da reflexão. Em primeiro logar, nos admiramos de como os pequenos germens e vermes, pequenos insetos, que vivem noutras pequenas vidas, alcançam, atraem seu alimento. De fato, a mente se lhes reflete sobre as pequenas vidas, que se tornam então seu alimento.

Dizem os cientistas que os animais não possuem mente. Até um certo ponto, é verdade. Eles não possuem mente, — não o que os cientistas denominam mente, de acôrdo com a sua

terminologia; mas, segundo a mística, a mesma inteligência que se encontra no homem encontrar-se deve, num grau menor, nas criaturas inferiores. Elas possuem uma mente, mas não clara; e daí, comparativamente, poder-se-ia dizer que não têm mente alguma. Para o místico, ao mesmo tempo, embora não pareça ela tão clara, é um espelho, pois que à mente ele chama um espelho.

A amizade, a hostilidade, as lutas que se dão entre pássaros e animais, seu acasalamento, — tudo isso acontece, não como pensamento ou imaginação, mas como reflexão de um espelho para outro. Que mostra isso? Mostra que a linguagem da criação inferior é mais natural do que a linguagem formada pelo homem, e este se tem distanciado muito daquele modo intuitivo de expressão.

Interrogai a um montador a respeito do prazer de montar, que ele considera maior e melhor do que outra qualquer forma de esporte ou divertimento. Ele pode não ser capaz de explicar a razão disso, mas a razão é este fenómeno da reflexão, — quando o reflexo do seu pensamento caiu sobre a mente do Cavalo, quando se focalizaram duas mentes uma na outra, e o cavalo sabe aonde o cavaleiro deseja ir; e

existe mais simpatia entre o cavaleiro e o cavalo, maior prazer se experimenta em montar. Depois de montar o cavalo, em vez de sentir-se cansado, sente-se a pessoa exaltada; o prazer é maior do que o cansaço. E quanto maior fôr a comunicação entre a mente do cavalo e o cavaleiro, maior será o prazer que o cavaleiro deriva disso, e assim faz o cavalo. Com o tempo, começa o cavalo a ter simpatia com o seu cavaleiro.

Conta-se uma história de um cavaleiro árabe que sucumbiu no campo de batalha. Não havia ninguém para cuidar do seu cadáver; e o cavalo ali ficou de pé três dias sem comer nada, ao sol abrasador, até que chegou gente e achou o cadáver.

O cavalo esteve a guardar o corpo do seu senhor contra os abutres.

É conhecida a história de um cão que ladrrou três dias depois da morte da sua companheira, e morreu no fim do terceiro dia.

O que aí vemos é a reflexão, pela qual eles se comunicaram de um para o outro.

Muitas vezes vemos cavalos e outros animais trabalhando no circo maravilhosamente, de acôrdo com a instrução que lhes foi dada. É isso a mente deles? Aprenderam eles isso? Não,

eles não aprenderam isso, não está isso na sua mente. É que, no instante em que ali se põe de pé o homem com o seu chicote, a reflexão da sua mente se espalha sobre a mente deles. Se o deixassem sós, eles não trabalhariam, não pensaria naquilo. A razão é que, como se diz no Alcorão, "Fizemos do homem o rei da criação". Significa isto que todos os seres que o rodeiam, grandes ou pequenos, são todos atraídos pelo seu magnetismo; são todos atraídos para ele, todos o consideram seu superior, porque ele é o representante da Divindade, e eles inconscientemente sabem disso e se rendem a isso. Elefantes em Burma trabalham nas florestas, carregando toros de madeira, mas o pensamento do homem é que os treina, se espalha sobre eles, faz que executem o trabalho. Quando se estuda isso minudentemente, se chega à conclusão de que não é o treino, é a reflexão; o que o homem pensa, na sua mente, os animais vão fazendo. Tornam-se eles, por assim dizer, as mãos e as pernas dos seus donos. Dois seres se tornam um no pensamento; como diz um verso na lingua persa, quando se tornam um, dois corações abrem caminho através de montanhas. Pode-se estabelecer uma relação entre o homem e um

animal; o difícil, porém, é estabelecer-se essa unidade entre os seres humanos.

Sabemos a história de Daniel, que entrou na caverna dos leões, e logo os leões ficaram mansos. Quis ele que assim o ficassem? Não. Foi a calma e a paz do coração de Daniel sobre os leões refletindo-se que os fizeram quietos como ele. A própria paz do profeta se tornou a paz deles; eles se tornaram pacíficos.

Poder-se-ia perguntar: — "Depois que Daniel deixou a fuma dos leões, permaneceram eles assim mesmo?" Ha dúvida sobre isso. Não quer isto dizer que algum remanescente lá não ficasse, mas que a predisposição dos leões despertou; logo que Daniel saiu da fuma, voltaram os leões á sua qualidade leonina.

— Muitas vezes passaros e animais dão sinal de morte na família. Poder-se-ia pensar que eles recebem de alguma parte esse conhecimento, ou que eles têm uma mente que pensa a respeito disso. O estado se reflete sobre eles. O estado da pessoa que está morrendo, o pensamento daqueles que cercam aquela pessoa, o estado do cosmo naquele momento, todas as circunstâncias, tudo se reflete ali na sua mente. E eles conhecem, começam a expressar seu sentimento, e se tornam avisadores da morte, que se apro-

xima. Se é um animal de estimação que serve de espelho, projetam os animais seu pensar e sentir sobre o ser humano? Reflete o homem o sentir de um animal? Sim; às vezes os seres humanos que se acham em simpatia com um animal de estimação lhe sentem dor, sem nenhuma outra razão. O animal não pode explicar sua pena, mas eles a sentem, até que ponto está sofrendo o animal. Além disso, a coisa mais curiosa é que, nas fazendas, vemos os pastores, sentindo o reflexo dos animais, fazerem zoada, cantarem ou dansarem no mesmo sentido que os animais, e mostrarem de muitos modos os traços dos animais.

O mais interessante é observar como os fenómenos de reflexão entre animais e o homem se manifestam à vista de quem os observa atentamente; e isso nos explica, ser a linguagem um meio externo pelo qual nos comunicamos uns com os outros. Mas a linguagem natural é esta reflexão que se projeta e reflete entre um e outro. Essa é que é a linguagem universal; e uma vez que essa linguagem é compreendida, a pessoa pode comunicar-se não somente com os seres humanos, mas até com as criaturas inferiores. Não é fábula o que o povo conta que os santos no tempo antigo costumavam falar

com animais, com pássaros; é a verdade. Apenas, não falavam com eles na linguagem que usamos na vida quotidiana; falavam naquela linguagem natural em que todas as almas se comunicam umas com as outras.

Ajuntemos a isso as touradas, que têm lugar em Espanha, e as lutas de elefantes conhecidas na India. Não é que os elefantes por vezes lutem na floresta. A mente dos espectadores desejosas de que lutem os elefantes é que dá um estímulo a sua natureza lutadora, e esse desejo refletido sobre os animais os faz inclinados a lutar, assim que se sentem livres. Milhares de pessoas que observam esses esportes, esperam todas que eles lutem, e a expectativa de tantas mentes sendo refletida sobre esses pobres animais dá-lhes a força e o desejo para lutarem.

Ha domadores de serpentes que dizem atrair as serpentes das suas locas. Sim; é a música da flauta; mas nem sempre é a única, é a mente do feiticeiro refletida sobre as serpentes que atrai as serpentes para fora das suas locas. A música fica sendo uma excusa, um meio.

Ha homens que conhecem um processo mágico para afastar certas moscas de uma casa ou de um jardim; e tem-se experimentado que

no espaço de um dia uma pessoa foi capaz de afastar as moscas de um lugar. É a sua mente refletindo sobre as pequenas mentes daqueles insetos.

A força de afetar a mente dos insetos é uma evidencia de força, não uma peculiaridade. Sem dúvida, a mente humana é incomparavelmente maior em força e concentração, e naturalmente projeta seu pensamento sobre os objetos que escolhe para isto. Somente aqueles que sabem focalizar sua mente podem fazer isso. Se um homem faz sairem as moscas de um lugar, isso não quer dizer que ele tem na mente alguma coisa de mosca, mas apenas que ele pode focalizar sua mente sobre as moscas, o que outro homem não seria capaz de fazer, porque, geralmente, uma pessoa não dirige seu pensamento para isso. Ela não pode imaginar que tal coisa possa acontecer; e como não acredita nisso, não pode concentrar sua mente. E mesmo se tiver refletido, para experimentar, não terá obtido sucesso.

Desenvolve-se o poder da vontade focalizando-se o próprio pensamento em certo objeto da propria concentração; e portanto, pela propria força de vontade, pode uma pessoa desenvolver aquela coisa particular, melhor do que ou-

tra qualquer. Por exemplo, aqueles que tocam instrumentos de metal numa banda naturalmente desenvolvem a força de soprar os instrumentos, e serão capazes de tocar instrumentos de madeira, clarineta ou flauta; mas, ao mesmo tempo, se praticarem alguma vez a corneta poderão tocar corneta melhor do que a flauta; porque em ambas se trata de soprar, daquilo mesmo a que estão acostumados. Assim com a concentração. Por exemplo, se um domador de serpentes, com toda a sua força de atrair serpentes, for junto a um banco e quiser atrair uma carteira, não o poderá fazer bem. Ele pode atrair serpentes, mas não pode atrair uma carteira.

Sem dúvida, uma vez desenvolvida a força de vontade numa direção, mostrar-se-á que é util em todas as coisas que a pessoa faz.

Tem havido casos em que os cavalos têm sido capazes de resolver complicados problemas de matemática para os quais aqueles que lhes propuseram a questão não acharam a solução. É o reflexo da mente do ensinador projetado sobre a mente do cavalo. Pois que o cavalo não é capaz de fazer matemática, nem isso é possível. Por meio de uma espécie de processo mediúnico é que uma idéia matemática se projeta sobre

a mente do cavalo. É possível que mesmo a pessoa que faz isso não o saiba; mas o mero esforço dela por fazer o cavalo resolver problema de matemática tenha produzido o sucesso.

A força de projeção pode ser aumentada com o aumento da força da vontade. Pode ser desenvolvida pelo desenvolvimento da vontade, do pensamento, do sentir. Há tanto que aprender nas pequenas coisas, o que nos pode revelar os mais importantes segredos da vida, se apenas tivermos os olhos abertos, e estivermos desejosos de observar os fenômenos.

II

A CONCENTRAÇÃO E A REFLEXÃO

O fenômeno da reflexão difere na sua natureza e caráter, especialmente pela razão da natureza das diferentes personalidades.

Em primeiro lugar, a pessoa cujo pensamento se faz refletir no coração de outra pode ter uma forma concreta no seu pensamento, pode ser capaz de apoderar-se dele como de um desenho ou pintura. Nesse caso a reflexão cai no coração de outro homem claramente; mas, se a mente estiver tão débil que não possa manter um pensamento convenientemente, então, o pensamento será móbil e não poderá refletir a mente de outrem convenientemente. Se a mente da pessoa não estiver em boas condições, então a imagem ali não será clara. Se a mente de uma pessoa não estiver clara, se estiver trans-tornada, se estiver demasiado ativa, então essa

mente não poderá transmitir inteiramente a reflexão.

A reflexão assimilha-se a um lago. Se o vento estiver soprando e agitada estiver a água, então não será clara a reflexão; quando, porém, a água estiver quieta a reflexão será clara. Assim acontece com a mente. A mente que se acha em repouso é capaz de receber reflexo. A mente forte, capaz de produzir um pensamento, uma imagem, sustentando um pensamento, seu pensamento pode projetar-se além de quaisquer limites que se lhe possam apresentar para ocultá-la.

Pode-se perguntar: O coração reflete a mente, ou a mente o coração? Em primeiro lugar devemos saber que a mente é a superfície do coração, e o coração é o íntimo da mente. A mente e o coração, portanto, são uma e a mesma coisa. Se chamamos a isso um espelho, então a mente é a superfície do espelho e o coração o seu íntimo; no mesmo espelho se reflete isso. Espelho é uma palavra muito boa, porque encerra ambos, a mente e o coração. Se vier a reflexão da superfície do coração, tocará a superfície; se vier do íntimo do coração, alcançará o íntimo. Justamente como a voz da pessoa insincera: Vem ela da superfície e chega aos

ouvidos. A voz da pessoa sincera vem do íntimo e vái até ao íntimo. O que vem do íntimo entra até ao íntimo, e o que vem da superfície fica na superfície.

Nada pode remover duas mentes que se acham em foco uma com a outra.

Nenhuma pessoa com um coração afetuoso, com um terno sentimento, negará que duas almas simpáticas se comunicam uma com a outra. A distância nunca é obstáculo a este fenómeno. Não vimos na recente guerra (1914-18) as mulheres dos soldados, suas mães, esposas e filhos ligados aos seus queridos lutando na frente e sentindo o que eles sentiam e sabendo quando um soldado era ferido ou morto? Muitos dirão que é o pensamento que se estende. Mas, ao mesmo tempo, as vibrações mesmas do pensamento nas suas profundezas se tornam uma pintura, um desenho. Um pensamento, um desenho particular, uma pintura particular se fez refletir, e sendo assim espelhada sobre outra pessoa, a sente esta num instante.

A reflexão não é igual a uma conversação. Numa conversação, cada palavra patenteia a idéia, e assim a idéia gradualmente se torna manifesta; na reflexão, porém, toda a idéia se reflete num instante, porque a idéia toda

ali está na forma de uma pintura, e se espelha na mente que a recebeu.

Esta teoria é que nos desvende o mistério jacente na conexão entre o vivo e o morto. A idéia da obsessão pode ser assim explicada que a reflexão do pensamento de alguém do outro lado bem apanhada por uma criatura viva na terra, se torna uma obsessão. Muitas vezes pode um jovem anarquista matar alguém; achar-se-á afinal que não houve uma grande inimizade entre ele e a pessoa que ele matou; o mistério estava por trás. Alguem inimigo da pessoa que matou, lá do outro lado, refletiu seu pensamento nessa mente passiva de um jovem que através do seu entusiasmo e energia se sentiu inclinado a matar alguém, não sabendo ele mesmo a razão, e causou a morte de alguém. Especialmente entre anarquistas se encontram tais casos. Devido aos seus extremados pontos de vista seu coração está em condições de receptividade, podem eles receber um reflexo bom ou um mau, e obrar consoantemente.

É possível que uma pessoa vivendo na terra esteja apta a projetar seus pensamentos e sobre aqueles que estão no outro lado? Cada religião tem ensinado isso mesmo; porém a evolução intelectual da época presente não o tem

abraçado inteiramente. Por exemplo, entre os Hindús ha hoje um costume de oferecer ao falecido tudo que ele amava, na forma de flores e coloridos, na forma de circunstâncias naturais, rio, corrente, montanha, arvore. De tudo isso de que o seu querido gostava, fazem-lhe eles uma oferta. Entre alguns povos ha um costume de fazer deliciosos pratos, preparar incensórios, flores e perfume; e então, depois de oferecê-los ao morto, participam daqueles presentes. Porque, se eles participam daquilo — pareça embora extranho — é ainda a sua experiência que se reflete e portanto é direito para eles participar daquilo embora aquilo seja oferecido ao morto, porque é por meio deles que o morto recebe aquilo; são eles o medium para a oferta. Portanto, se eles participam daquilo, oferecem aquilo, dão aquilo ao morto. É o unico meio pelo qual podem lhe dar aquilo.

Sujere-nos isso uma outra idéia: aqueles que choram a morte das pessoas queridas certamente continuam a causar pena aos que partiram; porque deste mundo, em vez de terem uma experiência melhor e de refletirem-na sobre eles, juntam pena e oferecem-na ao seu morto. A coisa mais sábia que se poderia fazer para aqueles que se foram é projetar-lhes o pensamento de

alegria e felicidade, de amor e beleza, de calma e paz. E' deste modo que se pode melhor ajudar o morto.

Perguntar-se-á: Pode-se influenciar uma alma que passou além deste mundo, a tal ponto que se possa levá-la a exercer uma ação especial sobre a mente de outra pessoa na terra? É uma coisa teoricamente possível, mas porque perturbar aquele espírito? Se podeis influenciar aquele espírito, porque não influenciar esta pessoa que está na terra?

Na época atual, de crescente materialismo, muito poucos reconhecem os casos de obsessão. Muitas vezes os obsedados são mandados para o asilo dos loucos, onde se lhes dão remédios e diferentes tratamentos, pensando os médicos haver alguma coisa desarranjada no cérebro, na mente da pessoa, alguma perturbação nos seus nervos. Mas em muitos casos assim não é; sim, uma consequência disso.

Quando uma pessoa é obsedada, naturalmente perdeu o seu ritmo, o seu tom, e por conseguinte não tem sentimento próprio, sente-se extravagante. Um contínuo desconforto causa uma desordem no seu sistema nervoso, dando isso causa a diferentes moléstias. Mas a raiz disso está na obsessão. A obsessão pode ser cau-

sada não somente pelo morto mais também por pessoa viva; apenas no caso do primeiro se chama obsessão, no caso da segunda é chamada impressão. Mas o que geralmente acontece é que as almas presas à terra são ou agarradas à terra, ou os inspiradores ou protetores da terra. E esses inspiradores e protetores da terra, o seu amor vem como se fora uma corrente. Não ha dúvida que ele poderia vir para os indivíduos, mas ao mesmo tempo vem ele mais das vezes para a multidão. Não pode, portanto, ser isso classificado com aquilo a que chamamos obsessão; pode chamar-se uma benção. Mas então as outras almas, agarradas que são à terra, quando refletem, o fazem em razão de uma necessidade; e por maior que seja uma razão, uma necessidade é imperfeição, porque é limitada. Além disto, a criação é um fenômeno em que todo indivíduo deve ter sua liberdade, que por direito lhe compete. Quando privada se vê dessa liberdade, por obsessão, por mais auxiliada que seja, fica a pessoa numa condição limitada. É possível, ademais, que a obsessão se torne mais interessante, e se a pessoa obsedada se curar da obsessão, não chegue a sentir. O que ela sente é que há uma vi-

da, por cuja experiência ela passou durante um longo tempo, ausente de si mesma.

A inclinação para escrita automática vem de uma tendência mediúnica. A pessoa com uma tendência mediúnica é naturalmente inclinada à escrita automática. A razão é que, pela escrita automática, principia ela a sentir-se em conexão, forma uma conexão com almas flutuantes no ar. Não importa com que alma se põe ela em contacto, de que alma começa a receber a reflexão, e então começa a lançar aquilo no papel. Algumas ha que, uma vez interessadas numa alma no alem, ficam interessadas nesta alma particular. Forma-se então uma conexão. Depois, é natural que dia e noite, ou várias vezes no dia e noite, se abra uma comunicação. Mas ha perigo neste jogo. É interessante começar com ele, mas depois é muito dificultoso livrar-se dele.

É conhecida a história de uma pessoa que se pôs em comunicação espiritual tão profundamente que os espíritos não a teriam deixado livre um momento. Era bem como um telefone a tocar todo dia, a cada momento. E a coisa mais curiosa era que ela se acostumou a viver com eles. A coisa mais curiosa era que ela se acostumou dizer: — “Não preciso de vocês. Vão-

se embora.” Mas eles vinham outra vez. Dia e noite o pobre homem estava exposto ao tocar do telefone. Não podia livrar-se, uma vez que se deixara ficar aberto para eles. Deixara-se ficar em fóco para o outro mundo, e então não podia fechar a porta.

Além disso, é um grande esforço nervoso, pela razão de que os nervos devem estar afinados para receber uma comunicação. Os centros intuitivos do corpo são feitos de nervos delicados, mais delicados do que se pode imaginar. Não são matéria, não são espirito; ficam entre uma e outra. Toda vez que estes nervos se tornam sensitivos, está aberta a comunicação com o além. Mas então a dificuldade é que as grossas vibrações deste globo terráqueo são demasiado fortes sobre os nervos e os nervos não podem responder às chamadas deste mundo grosseiro, deste mundo material eles se tornam demasiado finos. O resultado é que uma doença nervosa dai nos vem. Minha desaprovação nestas linhas refere-se ao refinamento de alguns médiuns usados pelos grandes exploradores do espiritismo; não é a de um descrente nem a de alguns que destas coisas fazem caçoada; é apenas para o bem estar dessas pessoas simples, de que aquele fazem uso, e cujas vidas são ar-

ruinadas afim de que os outros possam descobrir algum segredo. Mas que segredo afinal descobrem eles? Nada. Não é o espectador que achará de um jogo o segredo, é o próprio ator. Aí é que a graça está. Se quiserem fazer experiência, que experimentem eles mesmos e sofram as consequências. Esta maneira, porém, de tomar um jovem mediúnico, inexperiente, e tirar proveito de sua ruína, não traz nem a benaventurança nem o conhecimento que eles procuram.

Em resumo, quer a comunicação entre seres vivos, quer a comunicação entre os vivos e as almas que tenham passado pela terra, estão na reflexão, uma reflexão que depende da força e clareza da mente.

III

AS IMAGENS MENTAIS

Um pensamento pode ser comparado ao filme cinematográfico projetado numa tela. Não é um quadro, são as diversas partes desse quadro, que, mudando-se a cada momento, completam o quadro. Dá-se o mesmo com o pensamento. Não é sempre que mantém cada pessoa um quadro na mente. Em regra, uma pessoa faz um quadro por um processo gradual de completá-lo.

Por outras palavras, a pintura do pensamento é feita por partes, e quando o pensamento está completo as partes se reúnem para formar um quadro. E' de acordo com esta teoria que os místicos fizeram *Mantra Shastra*, a ciência dos fenômenos psicológicos das palavras, a que os sufis deram o nome de *Wasifa*, porque para a concentração do pensamento, não bas-

ta manter-se uma idéia na mente. Em primeiro lugar, isso não é possível para toda gente; somente para certas pessoas é possível manter uma idéia como um quadro. Se alguma possibilidade existe de completar-se um pensamento, é somente pela repetição. E' por isso que a arte oriental também mostra a mesma tendência.

Se um canteiro à roda de um muro é feito de rosas, uma rosa se repete vinte mil vezes, de modo que a pintura de uma rosa completa pode ser feita depois de um lance de vista sobre ela. Se muitos objetos se apresentam diante de uma pessoa, nenhum objeto pode ser apanhado pelo pensamento. O melhor meio, portanto, que os místicos adotaram, para a contemplação, é repetir uma palavra sugestiva de certo pensamento, uma palavra que produza a pintura de certa idéia pela sua repetição. Entretanto a repetição não pode bastar a este objetivo. Para gravar sobre uma pedra certa figura, não basta uma linha traçada a lapis; temos de esculpi-la. E assim, para fazer uma impressão real de uma idéia profundamente gravada no subconsciente, necessário se torna uma gravação. Isto se faz pela repetição de uma palavra sugestiva de certa idéia. Ne-

nhuma repetição é perdida; pois que toda repetição não somente a completa, mas também a torna profunda, produzindo com isso uma nítida impressão no subconsciente. Fora do processo místico, vemos pessoas, na vida quotidiana, que têm repetido na mente o pensamento de magua, de raiva, de saudade e desapontamento, de admiração e amor, inconscientes da obra que dentro de si mesmas estão fazendo; entretanto uma funda impressão disso nas profundezas dos seus corações se terá formado, que se projetará sobre cada pessoa que elas encontrem. A gente não pode evitar que seja atraída para uma pessoa amável; portanto, inconscientemente, somos atraídos para uma pessoa a que nos afeiçãoamos; não podemos tapar os olhos aos sentimentos de ódio vindos de alguém; não podemos ignorar o sentimento de magua, partido de uma pessoa, pois que a magua está gravada no seu coração. Este é o fenômeno da reflexão, reflexão de uma mente sobre outra.

Ha pessoas que podem sentar-se juntas, trabalhar juntas, viver juntas por toda a vida, e entretanto podem estar fechadas uma para a outra. E' a mesma reflexão. Se o coração de uma pessoa está fechado, sua influência é para

fechar o coração de outra. Uma pessoa com o coração fechado fechará o coração de outras, onde quer que ela vá. Mesmo a pessoa mais amável sentirá irremediavelmente fechadas as portas do coração, com o maior pesar, não sabendo o que aconteceu. É um fenômeno inconsciente.

O prazer e o desprazer, portanto, a feição e a irritação, a harmonia e a agitação, sente-se tudo isso quando se encontram duas pesosas, sem pronunciarem uma palavra. São as nossas palavras que ocultam a realidade. Se não existissem palavras para nós, o fenômeno da terra do espelho é tal que parece como se todo o universo nada mais fosse do que um palácio de espelhos, num espelho refletindo o outro. Se nós não o vemos, não quer isto dizer que não o podemos ver; significa apenas que os nossos olhos não estão sempre abertos, e assim ficamos na ignorância da situação. Se isto é verdade, não há nada neste mundo que uma pessoa possa ocultar. Como diz o Alcorão, no Dia do julgamento nossas mãos e pés darão testemunho das nossas ações. Mas cada momento do dia é um Dia do Julgamento. Não precisamos esperar até o Dia do Julgamento para vermos este fenômeno. Vê-

mo-lo, experimentâmo-lo sempre, entretanto não lhe prestamos atenção suficientemente.

Em qualquer tempo em que tenhamos um sentimento delicado, um bom desejo para com uma pessoa, ou uma irritação, uma agitação, uma inclinação antagonística, hostil, não podemos ocultá-la de outra. E isto é bastante para conhecermos essa verdade mais oculta, essa verdade absoluta de todo o universo, que a Fonte é Uma, a Meta é Uma, a Vida é Uma, e muitos são apenas os seus véus.

IV

A INFLUÊNCIA DO SUCESSO OU
FRACASSO

Tem a impressão produzida sobre a mente um caráter diferente da impressão produzida sobre os objetos. O homem é um ser vivo, e portanto criador. Qualquer impressão que sua mente apanha ela não somente a recebe como uma pedra recebe uma impressão, mas produz a mesma várias vezes num momento, mantendo-a assim como uma impressão viva. E essa vida da impressão mantida na mente é que se torna audível para os ouvidos do coração. E' por isso que todos nós mais ou menos sentimos, de outrem, seu prazer ou desprazer, sua alegria ou desapontamento, pois que isso, continuamente, se lhe repete na mente.

A impressão na mente não permanece em silêncio como um quadro. O fenómeno da me-

mória é tal que a pessoa cria tudo que a memória apreende, não somente as vibrações que a memória apreende, mas também as vibrações ou formas em resposta a isso. Por exemplo: uma pessoa tem na mente uma profunda impressão de medo. A consequência é que a mente se acha em trabalho para produzir um objeto do seu medo. No sonho, na imaginação, num estado de vigília, esse medo se cria; mas como, no estado de vigília? tudo que está á roda de uma pessoa, seus amigos, seus inimigos, as condições, as circunstâncias, tudo se reveste de uma forma que aterrorará a mente a qual está nisso alimentando seu medo... Quão maravilhoso, então, é o plano da mente! A mente é a pergunta, e ela mesma é a resposta. Por isso, as misérias são atraídas especialmente por aqueles que temem as misérias; o desapontamento é trazido por aqueles que esperam um desapontamento; o fracasso é causado pela impressão que nos domina, de um fracasso. Por vezes, diz a pessoa: Eu nunca obtenho sucesso, eu nunca sou bem sucedido. Sai errado tudo que eu faço, alguma coisa está errada. É muito bom que haja estrelas, pois, às estrelas, atribuem tais pessoas suas misérias. Mas, verdadeiramente falando, estas lhes pertencem.

cem, são essas pessoas que as estão sustentando em suas mentes.

Quando uma pessoa está continuamente pensando: "Não acontecerá nada certo; nada chegará de bom, o fracasso está antecipado;" então, ainda que todas as estrelas do Céu forem em seu favor, encontrar-se-á ela com o fracasso. Neste caminho é o homem o criador da sua condição, do seu fado. Muitos ha que não vêem diante de si nenhum prospecto na vida. Quer isso dizer que o mundo, o universo é tão pobre que não pode provêr a todas as suas necessidades?

Existe abundância, mas, pensando continuamente que, fóra disso, não ha meio, fica uma pessoa com as suas idéias fixas e realiza o desespero.

Quando, porém, está o homem pensando ou sentindo está ao mesmo tempo emitindo o que pensa ou sente como se fosse uma fragrância, está criando à roda de si uma atmoféra que expressa isso mesmo. E não só transmite ele para outrem seu pensar e sentir, mas tambem cria para ele uma resposta. Por exemplo, uma pessoa que, antes de deixar a casa, pensa: Eu vou sofrer um acidente de automovel, está refletindo talvez este pensamento sobre algum motorista. Seu pensamento atingiu o motoris-

ta, e o acidente se dá quando ele se aproxima daquele motor. Assim acontece com o seu successo. Quando sai pelo mundo e diz: "Neste negócio eu penso que vou ser bem sucedido", a pessoa atrai tudo que é necessário para trazer-lhe o successo.

Em apoio disso, pode citar-se um incidente. Tinha uma rapariga aprendido uma canção teatral, com estas palavras: "Como pode subitamente a sorte haver mudado!" Ela se afeiçoou de tal modo a isso que, por onde quer que andasse em casa, murmurava aquela melodia e dizia-lhe as palavras. Qual o resultado? Estava ela, a um balcão da casa, a olhar para baixo, e precipitando-se ao chão morreu. Os que souberam disso disseram que estava ela particularmente feliz três dias antes cantando aquela canção.

O Imperador Zafir de Delhi, da dinastia Mogol, era um grande poeta e um poeta da mais alta classe, delicado na expressão, um grande mestre da palavra, de belas e refinadas imagens. Sua poesia não era mais do que uma bela pintura, uma obra de arte; e assim era a pessoa. Como, porém, é natural que um artista, um poeta, se interesse mais pela tragedia do

que pela comédia, assim começou este poeta a escrever a letra de uma tragédia.

Qual a consequência? Depois que o livro ficou acabado começou a sua tragédia na vida. Passou ela a declinar e a sua vida toda foi repetindo a mesma tragédia; a vida repetiu a mesma poesia que ele havia escrito.

Algumas vezes recebem as pessoas por esse meio avisos de acidentes. Mas ás vezes também um anunciador da fortuna nos diz que tal coisa vai acontecer-nos, um acidente ou uma doença, ou tal e tal coisa. Na vida de um sai certo, na vida de outro não. E achareis sempre que na vida de um, que seja impressionável, isso acontece, porque ele se meteu no coração que tal e tal coisa irá suceder. Especialmente na Índia, portanto, onde a ciência da astrologia se acha tão avançada, e por milhares de anos a vida do povo dela depende, ha um dito: "Não consultes nunca um astrólogo doido. Ele pode ser um bom astrólogo, mas se for doido, nunca o consultes. Ele te dirá coisas que te impressionarão. E quando se não ensina esta idéia, que acontece? Acontece que uma pessoa facilmente diz alguma coisa por gracejo. Por exemplo, uma pessoa diz a outra: "Não vá lá; você será morto". Ela não pensava nada disso. E' um gracejo;

não sabe ela, porém, que isso pode fazer uma impressão e causar a morte daquela pessoa.

Se o aviso de um acidente parte realmente do pensamento de outra pessoa, podemos nós evitar o perigo usando a força do nosso pensamento para atuar em contrário ao pensamento da outra pessoa? Podemos, sim, se sabemos como fazê-lo; porque isso é a prática da renúncia. Voltamos ao trabalho feito no método Sufi — de parte a renúncia de si mesmo, renunciar até os pensamentos e impressões que não desejamos que cheguem a nós. Não é permitindo ser maculada a nossa mente por essas impressões que não desejamos se imprimam em nossa mente, que nos ajuda a evitá-las. Devemos vencer toda a impressão que nos seja contrária. Apenas, o que é preciso é saber a ciência, pois que devemos agir sabiamente, em relação aos outros. Suponhamos que a vencemos, ou que não nos incomodamos com ela, ou não acreditamos nela, ainda assim podemos a outras causar mal. Se formos cuidadosos e conscienciosos acêrca de que impressão causamos sobre outros, isso fará uma diferença grande nas vidas de nossos amigos.

Perguntar-se-á: Para que usar a oração, se está em nosso poder alcançar sucesso ou

fracasso? Está em nossas próprias mãos fazer uma oração, ou não faze-la; ela está fazendo nossa obra. A oração é uma espécie de trabalho. Estamos a executá-lo; se não o fizéssemos, ele não existiria.

A prece do nosso íntimo e a prece apenas de aparência são duas preces. Uma pode fazer aquilo a que chamou Cristo "vãs repetições", o repetir simplesmente a oração; a pessoa pode não fixar a mente no significado da oração. Se o íntimo do coração da gente ouviu a prece, Deus a escutou; porque Deus ouve através dos ouvidos do homem. Quando o homem reza, Deus o escuta através dos seus próprios ouvidos. Uma pessoa não capaz de orar profundamente pode aprender a orar profundamente pela prática. Por exemplo, uma pessoa incapaz de traçar uma linha reta, traçando uma reta cem vezes, mil vezes, ficará acostuada a traçá-la; e o mesmo acontece com a oração.

Pode-se mudar o estado mental de uma pessoa que está a repetir as mesmas reflexões continuamente, dando-lhe uma direção completamente outra, uma direção que lhe interesse mais.

O que nós primeiro devemos realizar na vida é esclarecer os reflexos do nosso próprio

coração, reflexos que nos ocultam o caminho. Por exemplo, um homem de negócios foi a um místico e disse: "Ora bem, não posso compreender. Dá-se comigo uma espécie de má sorte, que me faz sempre falhar, e não posso compreender porque falho. Fui a um espírita, fui a um vidente, fui a uma pessoa que faz horóscopo do consulente. Este disse uma coisa, aquele disse outra; não posso agora saber qual está certo". Disse-lhe o místico: "O certo e o errado estão em você mesmo. Escute a si mesmo. Descubra o que se está passando na sua mente. Não é a lembrança do prejuízo que você sofreu? Ha uma espécie de voz continuamente soando no seu coração. Os astrólogos dirão que é alguma coisa que se acha em redor de você; os espíritas dirão que algum fantasma ou espírito se acha atrás disso. O verdadeiro é que — haja ou não fantasmas — uma voz está no seu coração a dizer: "Você falhou, você falhou, você falhou". Pode você fazê-la aquietar-se, ficar silenciosa?

Assim que a pessoa se vê livre deste reflexo, tudo lhe correrá bem. Diz ela: "Que devo fazer? Como posso fazê-lo?" Diz o místico: "Determinação. Prometa-me que dagora em diante você jamais dará um pensamento aos

seus anteriores fracassos. O passado é passado; o presente é presente. Prossiga com esperança e coragem; tudo correrá bem." — Você encontrará sempre os que dizem: "Tudo me corre mal"; estará ouvindo-lhes a voz alta; é o próprio fracasso que está falando por eles. Logo que eles estejam aptos a fazer calar essa voz, terminará o fracasso; uma nova página voltou-se-lhes no livro da vida, e eles podem olhar avante para a sua vida com mais coragem e maior esperança.

Brava é a pessoa que, em face de mil insucessos, pode ficar de pé e dizer: "Agora não vou fracassar. O fracasso foi apenas uma preparação para meu sucesso". Este é o espírito correto.

Como pode uma pessoa apagar todas as pinturas sem número que a encobrem? Todo o processo do método Sufi consiste nisto, fazer com que a chapa da sua mente se limpe.

Isto pode ser feito pela prática da concentração. Os cavalos na floresta não virão simplesmente ao nosso chamado, nem marcharão só porque desejais que eles marchem, porque são cavalos destreinados. Dá-se o mesmo com os nossos pensamentos e imaginações; girão eles na mente sem arnezes, sem rédeas.

E quando se tomam estas em mão, acontece então justamente como os treinadores de um circo ao mandarem que o cavalo venha, e o cavalo vem, e depois, que o cavalo se afaste, e o cavalo se afasta; ordena ele que o cavalo corra, e o cavalo corre; diz-lhe que páre, e o cavalo pára. Trabalhar com o pensamento é precisamente como faz o treinador do circo.

Esta é a primeira e mais importante lição que tereis de aprender na obra Sufi; o alicerce de todo o misticismo e a prática da filosofia está nisto: podeis jogar com os vossos pensamentos como quiserdes que eles se movam. Quando uma pessoa pensar numa rosa, um lírio não há de ocorrer ao seu pensamento; quando pensar num cavalo, um elefante não ha de aparecer diante dela; ficará dela afastado. Isto ensina a pessoa a criar um pensamento e mantê-lo, a expelir todo pensamento que ela não deseja ter. Desta maneira vos tornareis senhor dos vossos pensamentos; os treinareis, os controlareis; e então deles fareis isso em vosso benefício.

Não nos prova isto que este é um campo de espelhos? Um campo de espelhos com um fenómeno vivo, de vida, porque os espelhos estão vivos. Não é somente projecção e reflexão o que

tem lugar nos espelhos, mas um fenómeno de criação, — pois que tudo é projetado e refletido, e ao mesmo tempo criado, materializado, mais cedo ou mais tarde.

É nisso que o Sufi encontra o segredo da sua superioridade; é que além de toda idéia de sorte, de influências mundiais e de influências do Céu, ha no homem uma força criadora que se acha em ação. Numa pessoa, talvez, a faculdade criadora do seu ser está em ação como um grau, e como noventa e nove graus opera a força mecânica do seu ser. Noutra pessoa mais evoluída, talvez noventa e nove graus da força criadora estejam em ação, e talvez um grau na parte mecânica do seu ser.

A parte mecânica do ser de uma pessoa é a que está sujeita às condições, circunstâncias, e que é importante; a parte criadora do ser de uma pessoa é a que produz fenómeno; e neste aspecto deve ser achada a essência divina.

V

O PENSAR, DESEJAR E TORNAR-SE

O fenómeno da reflexão é tal que toda ação, todo pensamento se reflete na própria pessoa, e aí nasce uma produção. Produz ela alguma coisa, alguma coisa que forma uma direção na vida da pessoa, e que se torna uma bateria atrás de cada coisa que a pessoa faz, uma bateria de força e de pensamento. Ha um ditado: O verdadeiro ser do Homem fala mais alto do que aquilo que ele diz. Isto mostra que nesse fenómeno da reflexão cada pessoa se expõe a todos os espelhos, e que não ha nada no mundo que se oculte. O que a pessoa não diz a pessoa reflete. Assim, consequentemente, não existe segredo algum.

As palavras usadas por Salomão — “debaixo do sol” — applicam-se tanto ao dia como à noite. O verdadeiro sol é a inteligência; e à

luz deste sol todos os espelhos, que são os corações humanos, refletem tudo que diante deles se expõe, sem esforço algum da parte do homem. Esta, a razão porque o desejo de uma pessoa, se fôr uma verdadeira vontade, mais cedo ou mais tarde, se tornará satisfeito; porque é refletido, e através dessa reflexão se torna vivo. A reflexão lhe dá uma vida; porque não está ele no espelho da morte; está num espelho vivo, que é um coração humano.

Não é isso de surpreender, pois, se o dono de uma casa desejar comer peixe, a cozinheira sentirá desejo de servi-lo. É natural. Não causará surpresa si você tiver pensado num amigo e acontecer que esse amigo venha ao seu encontro enquanto você se encaminhar para fazer outra coisa. Inesperado será isso exteriormente; intimamente, porém, terá sido arranjado; porque a sua reflexão, surgindo na mente de seu amigo, terá arranjado vosso encontro.

Alguem perguntou a um sábio: "Encontrar-me-ei lá no alem com os que agora nos cercam?" E o sábio respondeu: "Sim, encontraremos-emos lá no alem com aqueles que amamos e com aqueles que odiamos. "A pessoa ficou muito contente com a primeira parte, porém muito descontente com a segunda. O sábio depois ex-

plicou: "Você pensa em duas pessoas, a pessoa que você mais ama, e a pessoa que você mais odeia; você não pode fugir de pensar nelas. Ou a pessoa está orando pelo amigo, ou praguejando contra o inimigo, mas estará por vezes pensando em ambos.

E o mais admirável é que você encontra inesperadamente aqueles que você ama, ou que você odeia na vida; sem nenhuma intenção de sua parte, você os atrai."

Perguntou a pessoa: "Que faremos então?" Respondeu o sábio: "O melhor é não odiar ninguém, amar somente. É a única saída. Logo que você perdoou aqueles que você odeia, você se livrou deles. Então você não tem razão nenhuma para odiá-los, você esquece precisamente."

Esta é a reflexão que vemos no sucesso e no fracasso dos negócios. Quando uma pessoa vai a outra, sobre um negócio, reflete. Se tem na mente o fracasso, reflete o fracasso na outra pessoa. De tudo que a cerca, o que decorre é a condição de produzir para ela um fracasso. Se uma pessoa vai com o sucesso na mente, reflete o sucesso no coração de todos que ela encontre, e disso decorre apenas sucesso. Aquelles, portanto, que estão obsedados pelo fracasso, colhem fracassos; colhem fracassos;

aqueles que têm a impressão do sucesso obtêm sucesso. Lemos na História que tem havido heróis, generais, reis, que obtiveram sucesso após sucessos; e muitos exemplos encontraremos na vida quotidiana que resultam em fracasso após fracasso. Tudo que é tocado por eles se despedaça. Porque? Porque a destruição ali está. Eles a trazem consigo; apenas a refletem eles em tudo que tocam.

Diz o grande poeta industânico Amir: "Olhos meus, tendes a luz do Ser Perfeito, e não podeis ver. Não é por falta da luz em vós; é porque vos conservais cobertos".

O homem está continuamente á procura de uma visão clara, querendo ver a luz, e entretanto cobre os próprios olhos; tapando o coração, cobre a vista, que tem consigo a luz Divina.

Nenhum pode ensinar ao outro, nem pode alguém adquirir essa força de ver claramente. O homem é naturalmente um vidente. Causa surpresa quando ele não vê. Os videntes não vêem somente um indivíduo quando o indivíduo se apresenta diante deles; são capazes de ver, se dez mil pessoas se puserem diante deles todos como uma multidão, e cada um como um indivíduo. A razão está em que um

espelho quanto mais amplo se torna mais reflexos acomoda em si, e portanto numa pessoa pode-se refletir uma multidão, a um só tempo, os corações, as almas, as mentes, e tudo. Sem dúvida, começa isso por ver-se o reflexo de um; mas, assim que se expande, toma o coração o reflexo da multidão.

Nisso é que está o mistério da herarquia espiritual; é apenas a expansão do coração.

Não vemos nós em nossa vida quotidiana haver pessoa que diz: "Sim, eu posso gostar de uma pessoa que eu ame; mas então suportar não posso as outras? "Isso é apenas limitação do coração.

Outra pessoa existe que diz: "Sim, eu posso gostar dos meus amigos; mas não se dá o mesmo com os extranhos; não os posso amar; daqueles com os quais convivo, estou em contacto; para eles estou fechado". E está ele realmente fechado ante os extranhos. Pode ele ser uma pessoa amavel, mas na presença de extranhos seu amor está fechado. E, em proporção, quanto mais o coração fica livre desta limitação, naturalmente, mais largo fica; porque a extensão do coração, como disse Asaf no seu verso, é inimaginavelmente grande.

Diz Asaf que se o coração do homem fosse ampliado, acomodaria todo o universo nele como se fosse uma gota no oceano. O coração pode ser tão grande que possa apreender o universo — todo. E o coração que pode apreender tudo, pode ver o reflexo de tudo; porque todo o processo da evolução vai ficando mais amplo. Ficar mais amplo quer dizer ficar mais livre das limitações, e a consequência desse estado é que a visão se torna mais clara.

Como podem as mentes da multidão refletir-se no coração? Pela mesma forma que o retrato de um grupo é tomado na placa fotográfica. Pode haver uma multidão de pessoas, a chapa fotográfica as apanhará todas; se não as apanha é porque, então, não é bastante grande. O coração é capaz, como uma chapa fotográfica, de apanhar a reflexão; se não pode apanhá-la, quer isso dizer que está limitado, está pequeno.

A vida toda é uma inteligência absoluta, é um campo de espelhos, nos quais tudo se reflete. Quando pensamos nisto profundamente, achamos que, à luz do dia, fechamos os olhos e dormimos.

VI

REFLEXOS DO CORAÇÃO

O coração, que na linguagem Sufi se chama um espelho, tem duas ações diferentes a executar. Tudo aquilo que se reflete no coração não permanece apenas um reflexo mas também uma força criadora, produtora de um fenómeno de similar natureza. Por exemplo, um coração que em si mesmo contém e reflete rosa, rosas achará em toda parte. Rosas serão atraídas para esse coração, rosas são produzidas por ele e para ele. Quanto mais forte se tornar esta reflexão, mais criadora se tornará do fenómeno das rosas. O coração que contém e reflete uma ferida, achará feridas em toda parte, estará atraindo feridas, estará criando feridas; pois é essa a natureza do fenómeno da reflexão.

Muitas vezes o povo tem superstições acerca de uma pessoa de sorte ou asarosa vir a

nossa casa: uma pessoa de sorte traz felicidades, e uma pessoa asarosa traz má sorte.

Que é isso? É somente que produz azar aquele que reflete azar. Aonde quer que vá produz azar aquele que reflete azar. Aonde quer que vá produz má sorte ao redor de si.

A dona de uma casa disse a um sábio: “Depois que esta empregada chegou em minha casa todo dia se quebram copos, se quebram moadeiras, e as coisas são estragadas e destruídas. Pôde o sábio ver a razão disso. “Enquanto ela morar em sua casa — disse ele — isso continuará sempre”.

— Muitos exemplos há em que vemos associar-se uma pessoa a um negócio, a uma empresa industrial, e talvez sem muitos recursos levando apenas a própria pessoa; e desde que ela se lhe juntou começou aquele negócio, aquela indústria, a ter sucesso dia a dia maior. Quanto mais pensamos neste fenômeno, mais achamos que se alguma coisa há que se nos reflete na mente, nós a refletimos sobre a vida exterior, e cada esfera a que o nosso coração conseguir chegar ele a carregará desses reflexos.

A melhor explicação da palavra reflexo estaria na projeção de uma pintura, de uma lanterna mágica sobre uma tela, pois que a tela re-

flete a pintura que a lanterna mágica projetou sobre ela. Assim a vida toda está cheia de reflexos. Da manhã à noite, estamos sob reflexos. A associação com os que não têm socego traz-nos desásocego. Pode aquela pessoa não falar conosco, mas o nosso coração reflete a inquietude em que ele se acha.

Assim o contacto com uma pessoa alegre faz-nos refletir alegria. Durante o dia todo vai se dando isso conosco, e não o notamos. Algumas vezes a pessoa de quem refletimos já saiu da nossa vista, mas estamos ainda refletindo aquela pessoa.

Essa a razão que podemos dar para a tendência que sentimos alguma vez para o mal, o riso ou o choro sem razão; tudo isso vem da reflexão. Um homem cujo coração está refletindo alegria, onde quer que vá fará outros felizes. Os pesarosos, os perturbados, os desapontados, os de coração partido, todos começarão a sentir vida, alimento será dado às suas almas, porque tal pessoa está refletindo alegria. E aquela que reflete pesar e depressão espalhará o mesmo ao redor de si, e dará pena e tristeza aos outros. A vida é tal que não tem fim o pesar, a tristeza e a aflição; e o de que precisamos são as almas que refletem alegria, afim

de libertar os que se acham em aflição, tristeza e pena.

Agora, outro aspecto existe desta reflexão, e é: a pessoa vem a ser aquilo que ela pensa. Fica identificada com aquilo; portanto, o objeto que lhe está no pensamento, esse objeto se torna sua propriedade, sua particular qualidade.

Observando uma pessoa este fenómeno de reflexão, fez uma divertida experiência findo ver um laçao do rei. Em chegando á casa do laçao do rei, ficou muito surpreendido por encontrá-la arranjada segundo o modelo do palácio. A maneira de chegar o laçao, a maneira pela qual o recebeu ele em casa, a maneira porque o fez sentar-se, todo modo, toda palavra que ele expressava, era de um rei. Que significava aquilo? Estando o dia todo na presença do rei, estava ele refletindo o rei.

Uma criança que se impressiona pelos soldados age desde a infância como soldado; quando crêscida se torna soldado. De soldado a qualidade nela se desenvolveu. O menino que pensou num artista e se impressionou por um artista, por sua arte, por sua personalidade, tal reflexão se desenvolve nele; e uma vez que se ela desenvolve nele, aquela qualidade de artista

fica desenvolvida, e ele se torna um artista. Quando lemos a história de grandes poetas, filósofos, musicistas, de seu raro mérito, provém isso apenas de seus estudos, de suas práticas, de um dom que neles exista? Muitas vezes proveio da impressão que eles receberam de alguém. Um reflexo que se lhes desenvolveu gradualmente no coração produziu-lhes na alma as qualidades pertencentes ao objeto do qual receberam impressão.

Inúmeros exemplos disso podem-se encontrar na história do mundo, mas especialmente na obra espiritual, obra que não pode ser concluída pelo estudo de uma vida inteira, nem pode ser acabada pela meditação de uma centena de anos na solidão.

Tentar e alcançar o conhecimento espiritual pela meditação, ou somente aprendendo, é como dizer: "Farei uma lingua perfeita durante a minha vida."

Mas ninguem tem sido capaz de fazer uma lingua perfeita durante a sua vida; é a tradição que faz uma lingua, é durante séculos que o povo tem desenvolvido a linguagem. Ela não pode ser feita por uma pessoa só, é uma coisa que cada pessoa tem herdado, adquirido. E assim, na reflexão, é que uma pessoa desenvolve

o atributo pertencente ao objeto que lhe está no pensamento.

Podem ser encontrados no mundo exemplos de pessoas que, retendo um pensamento, criaram no plano físico sua manifestação, seu fenómeno. A razão é que o fenómeno não é somente um quadro produzido no espelho, mas aquele reflexo no coração é a coisa mais potente. É a própria vida, e é creadora. A pessoa, portanto, que chegou a compreender o segredo da reflexão, compreendido terá o mistério da vida.

É a reflexão um ato conciente da parte do refletor, ou age ela subconscientemente? Em ambos os casos, ela age. Algumas vezes opera por ação conciente da parte do refletor, e sempre trabalha subconscientemente. Agora, por exemplo, uma pessoa com a mente piedosa, pensamento bom, espirito pacífico, — seu espirito é o que procura refletir-se. E' ele refletido naqueles que em contacto se põem com ele, e essas pessoas o tomam consigo.

Alguns o absorvem e o conservam; outros o perdem. A idéia, porém, é a seguinte: Quando uma pessoa não está conciente com o reflexo a conservar e com o reflexo a passar adiante, uma apanhará talvez um reflexo de tristeza ou pesar, e todos os reflexos indesejáveis e pode

conservá-los dentro de si, porque os recebe. Devemos, pois, saber que a vida toda é uma vida de reflexos; de manhã à noite, recebemos reflexos. Daqueles que nos estão próximos e nos são caros, daqueles que não gostam de nós e nos odeiam, e daqueles que passaram, que se acham do outro lado. Estamos sempre expostos aos reflexos.

Poder-se-ia, porém, dizer: “É bom recebê-los? “Mas ninguém pode evitar recebê-los. Podeis considerar que isso é uma coisa boa, ou uma coisa ruim; mas é o que é. Se o nosso coração está límpido, recebemos isso conciosamente, e a reflexão é distinta. Se não está límpido, recebêmo-la inconscientemente, e a reflexão não é clara; mas não podemos evitar recebê-la.

Por exemplo, se houver um gongo e uma peça de madeira, ambos receberam vibrações. Mas um é sonoro e ressoará, a outra não ressoará. Porém, ao mesmo tempo, ambos são afetados por ela precisamente da mesma forma. Se o coração está bastante límpido para receber reflexos em cheio e claramente, a pessoa pode escolher para si qual deve ele reter e qual deve repelir.

VII

O DEVOTAMENTO DO CORAÇÃO

Uma visão clara depende de um coração claro, aberto à reflexão. Jelal-ul-Din Rumi principia o seu livro Masnavi falando sobre a qualidade que tem o coração, de obrar como o espelho, dizendo também que essa qualidade espelho algumas vezes desaparece, quando uma espécie de ferrugem cobre o coração. E prossegue então a dizer-nos que, limpando o coração dessa ferrugem, torna a pessoa claro esse espelho de coração, para receber reflexos. — Um místico, diz ele, perguntou uma vez a seu Murshid acerca da ciência da telepatia. Disse o Murshid: “E’ a reflexão. Esteja limpo vosso coração, deveis apenas focalizá-lo, e nada mais precisareis fazer. Ele é um espelho, e tudo que estiver diante dele nele será refletido.”

Não é, portanto, de surpreender se os videntes vêem a alma de cada pessoa tão clara-

mente como numa carta aberta; pois que esta é a natureza da vista. Se a vista se acha perfeita, deve enxergar seja o que for que se lhe ponha diante, não pode evitá-lo. Não é que a vista deseje vêr; é natural que, se os olhos estão abertos, tudo que está diante deles neles se reflete. Assim, o vidente não pode fugir de ver a alma de outrem, de perceber os pensamentos e os sentimentos que tenha uma pessoa. Fizesse ele uma tentativa em tal sentido, isso não seria correto da sua parte. O coração é da alma a câmara privada; ninguém deve introduzir-se nos aposentos privados de alguém, ninguém terá direito de tentar descobrir os pensamentos e sentimentos de outra pessoa. Mas, assim como os olhos não podem fugir de ver o que se põe diante deles, o coração, uma vez que se torna limpo e puro da ferrugem, então vê como os olhos vêem. Os olhos, porém, podem ver até um certo ponto, e não mais adiante; a dimensão, que está em frente dos olhos, é diferente. Diante do coração existe outra dimensão e tal é o coração do homem. Enquanto os olhos vêem a superfície, o coração vê o íntimo da pessoa. Nunca penseis, portanto, que um verdadeiro místico não veja fundo na vida de uma pessoa; nunca penseis que um místico seja in-

capaz de ver certo lado da natureza de uma pessoa. Não, ele tudo vê, desde que tenha, apenas, o coração limpo.

Mas agora a questão é: Que é a ferrugem? De que é feita ela? A ferrugem é feita da grosseira emanção da própria mente; é a sua parte grosseira, que vem à superfície, e por esse meio a cobre, ao mesmo tempo cobrindo a sua qualidade — espelho. Fica o coração coberto pela confusão, pelo temor e a depressão, por todas as formas do excitamento, que perturba o ritmo do seu mecanismo. Assim como depende a saúde do corpo do seu tom e ritmo, assim também a saúde do coração depende da regularidade do seu tom e ritmo. Pode um homem ser virtuoso em suas ações, puro em seus pensamentos, delicado em seus sentimentos; ao mesmo tempo, se ele tiver altos e baixos, então, é que o ritmo não se mantém direito. Então, não pode ele ver claramente o reflexo; porque o espelho está limpo, mas, quando a mente está constantemente em movimento, o reflexo é obscurecido, não pode mostrar-se claro.

Uma vez que pensámos nisso, começámos a pensar nesse maravilhoso instrumento, que é a personalidade humana, para perceber a vida e experimentar a vida por completo. Se hou-

vesse um espelho vendido por um milhão de dólares, que mostrasse o estado de pensamento e sentimento de cada indivíduo, haveria uma grande procura dele. O homem que tivesse tal espelho certamente receberia inúmeros pedidos, mesmo por um milhão de dólares, relativos a uma tal invenção. E o homem aqui o tem e está descuidoso dele. Não acredita nele, por conseguinte negligencia. E como nele não acredita, antes gastaria aquela grande quantia na compra de um espelho, do que ensaiaria e cultivaria uma coisa em que não acredita. Ele não acredita em si mesmo; e como não acredita em si mesmo, não acredita em Deus. Sua crença em Deus é por demais superficial. Inúmeras almas acreditam em Deus, e no entanto não sabem se ele realmente existe. Acreditam apenas porque outros acreditam em Deus. Não têm prova alguma, e vivem toda sua vida sem uma prova da crença em Deus. E outro meio não há de obter a prova da existência de Deus, exceto um. Este é tornar-se a pessoa familiarizada consigo mesma, experimentar os fenômenos que se encontram dentro de si mesma, e o maior fenômeno que a pessoa pode experimentar, que é o próprio coração. Haverá, portanto, alguma coi-

sa mais importante na vida, mais preciosa, à qual se dedique a vida, do que o pensar que podemos ser um instrumento para conhecer-se tudo que está na pessoa que se encontra à nossa frente, sua natureza, seu caráter, seu estado, seu passado, seu presente, seu futuro, seus pontos fracos, e seus pontos fortes ?

Nada no mundo seria mais interessante e mais precioso do que chegar-se a esse grau, do que experimentar-se isso, mais precioso do que a riqueza, o poder, a posição, ou qualquer coisa no mundo. E isso é uma coisa que se obtém sem custo; mesmo sem o duro trabalho que o homem faz pela própria existência. Quando nisto pensamos, sentimos que o homem tem sede, anseia por água, junto da corrente. Então, a sede que o homem sente é dentro de si mesmo; e o que o preserva disso é a falta de crença em si mesmo, na Verdade, em Deus.

O povo ensaia estudar a parte exterior da vida. Mas para o estudo a vista deve ser a primeira coisa. Esta vista exterior pode mostrar a superfície das coisas; a vista do interior é anseio da alma. A ciência, como nós a conhecemos, é construída sobre o estudo que a pessoa tem feito das coisas visíveis, que estão na superfície; e o estudo é, portanto, incompleto. Es-

se estudo pode ser completado por meio da vista sobre a parte interna das coisas. Pois que mesmo o começo da ciência pode ser traçado como produto da intuição. Os antigos médicos costumavam seguir os animais selvagens, tais como o urso e outros, que procuram diferentes ervas quando precisam curar-se a si mesmo de alguma doença; porque a intuição deles era clara. Os médicos usavam viver a vida solitária, a vida meditativa, usavam viver a vida pura; e disso apanharam a inspiração; e dessa inspiração chegaram a saber o que havia de dar para curar diferentes moléstias. A ciência, que hoje temos, é emprestada por aquilo que aprendemos com eles, todavia não era claramente ciência naquele tempo. É uma herança dos antigos o que denominamos ciência; mas seu começo estava na intuição. E se jamais um cientista hoje descobre alguma coisa de novo, alguma coisa admirável, está ele ainda em dívida, não aos estudos externos, mas à intuição. Se isto é verdade, então a faculdade intuitiva deve ser desenvolvida, o coração deve ser limpadado, pois que, mesmo se a pessoa não for uma pessoa espiritual, se for um homem de ciência, poderá ser beneficiada no seu estudo e prática da vida.

VIII

A NATUREZA DA ALMA

A alma assimilha-se à lagarta. Assim como a largata reflete toda a beleza das cores que ela vê, e fora disso transforma-se numa borboleta, assim é a alma. Quando no mundo angélico, reflete ela a beleza angélica, manifestando-se na forma de um anjo; quando no mundo dos gênios, reflete as qualidades do gênio, cobrindo-se por isso com a forma de gênio; quando no mundo do homem, reflete as qualidades humanas, manifestando-se por tanto na forma do homem. Se a lagarta sofre a impressão de uma forma ou de um número de formas das folhas, flores e coloridos, é que os reflete, e vem a ficar como eles. Muitas vezes vereis que tem a lagarta a cor daquilo que a cerca, das folhas ou flores, ou de qualquer coisa que se ache deante dela; nisso transforma-se ela; não partilha

da cor e da forma das árvores e flores que se acham distantes, que não são por ela tocadas. Tal é a condição da alma. De tudo aquilo com que se põe ela em contacto, partilha ela as qualidades, a cor e o perfume, refletindo-o a seu tempo e tornando-se aquilo que reflete.

Isto nos prova que a qualidade — espelho mostrada pelo coração, este não a mostra somente quando a alma está na terra, mas sim desde o começo da aventura da alma no rumo da manifestação. O cativo e a liberdade da alma, portanto, vêm ambas de si mesma.

Kudsi, o grande poeta persa, disse: “És Tu Mesmo que Te fazes cativo, e ainda és Tu Mesmo que Te livras do cativo”. Ambas essas coisas, o cativo neste corpo de argila, e a libertação desta pesada esfera terráquea, as realiza a própria alma; e as realiza por uma lei, que é a lei da reflexão. Pode haver diferentes idéias, como dogmas e especulações, expressas por diferentes sábios, a respeito da vinda da alma à terra, e do seu regresso daqui. Mas negar não podem, por um momento, as almas pensantes, embora diferentes sejam as suas concepções da lei divina da Natureza, esta lei principal operando como o fator mais poderoso na

viagem da alma em rumo da manifestação e no regresso da mesma alma à sua méta.

Um místico, portanto, pensa naturalmente: "O que se passou está passado, o que foi feito está feito; não tenho que me perturbar com isso. O que me importa é fazer o presente momento como desejo que ele seja, e fazer fácil para mim a estrada que vai ter ao meu destino". O misticismo todo tem se baseado neste princípio. O Sufi pouco se importa com o que aconteceu ontem. Sim, se o conhecimento do que se passou ontem alguma relação tem com as coisas de hoje, se esse conhecimento pode ajudá-lo a fazer a vida melhor, somente nesse caso consulta ele o passado, mas não por amor ao passado. Como diz Omar Khayyam.

Amanhã? Mas porque? Sete mil anos, Amanhã, posso estar eu mesmo de ontem.

Isto significa: "Se eu estivesse vivendo ha sete mil anos, que valeria isso para mim agora?" o maior problema que se apresenta ao homem é: "Hoje, agora mesmo, como posso fazer minha vida melhor para mim mesmo, e para os outros?" Ocupe-se ele com esta ciência, e não terá um só momento de folga. Ela ocupará sua

vida toda no fazer melhor o *agora mesmo*. Afinal de contas é o *agora mesmo* que se repete, e é o *agora* que faz o futuro.

Além disso, é a ciência da reflexão, o estudo e a prática do que traz uma pessoa para essa consecução o que procura cada alma. Como diz Zebum-Nissa, a poetisa persa: "Se pensares na roseira florida tornar-te-ás uma rosa; e se pensares no rouxinol canoro, tornar-te-ás um rouxinol. Tal é o mistério da vida. Se pensares, pois, no Divino Espirito, refleti-lo-ás e tornar-te-ás o Divino Espirito.

Poder-se-ia perguntar: "Porque não se transforma um mosquito numa borboleta: pois que um mosquito, algumas vezes, também mora entre belas plantas e flores?" E a resposta é que o mosquito não se interessa em ouvir, interessa-se em falar. Ele não aprende, ensina. Assim permanece ele o que ele é. A lagarta, ao contrário, é silenciosa. Silenciosamente medita, move-se delicadamente, assenta-se e medita quietamente. Eis aí porque afinal se transforma ela em borboleta.

Pode-se perguntar: "Porque é que uma alma reflete as propriedades de um assassino e outra as de um santo, sendo ambas igualmente divinas?" A alma assimilha-se a uma lagar-

ta, que primeiro reflete e depois se transforma naquilo que ela reflete. Dá-se o mesmo com o assassino e o santo. Pensa uma pessoa, porem: "Um assassino reflete sobre um assassino?" Sim, ele gradualmente se afinou para essa reflexão. Tentando fazer uma injúria, um dano aqui e ali, tentando obliterar do coração aquela simpatia, delicadeza, ternura, tentando ser cego a esse aspecto do seu próprio ser, e tentando causar dano e injúria a outrem, ele se desenvolve gradualmente. E muitas vezes um jovem assassino está refletindo o pensamento de alguém, ou neste lado ou noutro. Muitas vezes vemos presas como anarquistas pessoas inteiramente inocentes, que não têm nenhuma inimizade para com a pessoa que eles mataram. Apenas lhe chegou sobre a mente como um reflexo, projetada por alguém que era um inimigo, e essa pessoa se tornou apenas um instrumento. Mas alguém pergunta: "Não é ela responsável por isso? Sim, porque ela preparou sua mente para aquela reflexão.

IX

A NATUREZA DA ALMA DEPOIS DA MORTE

Podem-se encontrar muitos ensinamentos, doutrinas, especulações e idéias a respeito do além túmulo; mas se alguma coisa há que possa explicar a natureza e o caráter do além túmulo, resume-se numa palavra, e esta palavra é reflexão. De qualquer ponto de vista donde se olhe para isso, uma coisa se acha — a reflexão, seja do ponto de vista daquele que acredita no Céu e Inferno depois da morte, ou do ponto de vista do que acredita na reencarnação em seguida á morte. Porque não ha um lugar feito à similhaça de uma cidade para aqueles que tenham praticado atos bons, afim de que todas as pessoas boas devessem estar numa cidade chamada Céu ou Paraizo, e outra cidade para as pessoas que tenham sido sentenciadas para outro sí-

tio. Em primeiro lugar, cada indivíduo tem sua maneira própria de encarar a vida, e de acordo com a sua atitude para com a vida, consoante a sua observação da vida, existe o seu além-túmulo. E portanto o Céu de uma pessoa não pode ser o Céu de outra, nem o inferno de uma ser o inferno de outra. Assim como existem diferentes ideais de pessoas diferentes, um mundo peculiar existe, de cada pessoa. E qual é esse mundo? Esse mundo é o seu espírito. E que contém esse mundo? Esse mundo contém tudo que o espírito contém. A alma é semelhante a uma chapa fotográfica. Uma chapa fotográfica pode conter o reflexo de uma pessoa, ou pode conter o reflexo de um grupo, ou uma vista de milhares de almas. É capaz de acomodar em si mesma o reflexo de um mundo que se lhe ponha diante. Assim é a alma. Pergunta-se então: "Que é o além-túmulo?" O além-túmulo de cada pessoa é o que a sua alma contém. Se a sua alma contém um Céu, o além-túmulo é Céu; se a alma contém alguma coisa mais, então o além-túmulo é isso.

Pode-se, então, perguntar: "Não é a alma que vem como reincarnação?" Sim, é a alma; a alma vem, certamente. Mas que alma, que sorte de alma? Uma alma que tem em si uma reflexão.

Essa reflexão é que é a sua reincarnação. Mas, então, poder-se-ia fazer uma pergunta: "Não faz isso cada coisa tão irreal, precisamente como o jogo das sombras?" Mas não é isso? Se não é o jogo das sombras, que é, então? Se a gente acha realidade na irrealidade, se isso dá consolo á gente, podemos consolar-nos por uns poucos dias. Mas irrealidade é irrealidade. A irrealidade não dará resultado satisfatório afinal, porque a satisfação reside no conhecimento da Verdade. Por isso que, se a irrealidade certas vezes satisfaz a pessoa, pensando ela que isso é real, deve ela continuar a pensar da mesma maneira. Mas dizer-se pode que isso, afinal, se demonstrará não ser real. Afim de evitar o futuro desapontamento, a pessoa deve descobrir mais cedo na vida a Verdade final, se for capaz de apanhá-la e assimilá-la.

Qual a condição da alma que experimenta as condições do Céu ou Inferno depois da morte "É a condição de quem se acha rodeado por aquilo de que faz colheita."

Como disse Cristo, "Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração;" assim, tudo que a alma tiver entesourado nesta vida, será isso o futuro dessa alma.

Que diferença existe entre estas duas idéias, uma de que a alma prossegue na rotina da reencarnação, passando de uma coisa para outra, e a outra de que, depois da morte, experimenta a alma o Céu ou o Inferno, e assim vai subindo no rumo de Deus? Há somente a diferença de duas maneiras diferentes de olhar para essa alma particular. Quem chama à alma personalidade vê essa personalidade continuando de um estado a outro, — pois que a personalidade que uma vez a pessoa viu não cessou de existir no mundo, mas está prosseguindo com suas reflexões repetidamente, uma após outra. Quando se vê essa personalidade como alma, chama a isso a cadeia de várias reencarnações, uma após outra. Outra pessoa, que vê a alma como independente da personalidade, que considera a personalidade como vestimenta da alma, porém não como a própria alma, vê então o estado atual daquele raio da Inteligência Divina, que veio ao mundo como alma. Vê sua projeção para o exterior, e a sua volta para o interior. Compreende tal projeção como manifestação, e a retirada como volta ao goal.

Poder-se-ia perguntar: “Nada ficou, dessa alma, para prosseguir?” “A alma que se dirigiu para o goal certamente deixou alguma coisa

atrás de sí. Do corpo que se enterra, alguma coisa fica fóra. Ou esse corpo foi comido por um animal e o ser desse animal com esse corpo se unificou, ou os inséto o comeram e através dos inséto ele se manifestou. De uma forma ou doutra algum resultado alcançou esse corpo. Mas, ao mesmo tempo, não consideramos esse corpo como se fosse aquela pessoa. Dizemos: este foi o corpo daquela pessoa; aquela pessoa se foi embora. Nós, portanto, não levamos em conta aquele corpo. Mas, se estudarmos e analisarmos os diferentes estados por que tem passado o corpo, acharemos que êle se tornou alimento para diferentes criaturas e diferentes objetos, adubo para flores, frutos e plantas, e direta ou indiretamente chega ele aos animais, aos pássaros. Além disso, as pequenas vidas, que se criaram dele, sopradas pelo vento, alcançaram longe e foram respiradas por muitos, e foram absorvidas por muitos seres, no ar ou na agua. Se olharmos para isso deste modo, acharemos que, uma vez nascida, coisa alguma se perdeu inteiramente. O que fez foi justamente mudar; e essa mudança a colocou numa outra vida. Por conseguinte, a morte do corpo não foi mais do que uma espécie de ilusão aos nossos

olhos; e atrás dessa ilusão alguma coisa se realizou no sentido da continuação da vida.

É cada alma um raio individual, ou tem um raio mais do que uma alma em si, a similitude de um grupo de almas? Até a individualidade ordinária tem certa ilusão sobre isto. O homem, por exemplo, julga seu corpo separado de todos os demais corpos. Diz que o corpo mesmo é o sinal da individualidade; e, ao mesmo tempo, cada átomo do seu corpo tem uma vida individual exclusiva, cada célula sanguínea tem sua vida exclusiva; tem suas moléstias, sua morte e seu nascimento. É muito interessante ver, no exame do sangue, como toda célula sanguínea é um ser vivo, e que pode morrer, pode ficar doente, e também causar a morte a outras células do sangue.

Não há dúvida que este envólucro do corpo o esconde à nossa vista; e, até onde podemos ver, vemos que isto é individual. Mas quantos indivíduos existem dentro de nós?

Ainda mais, uma família também tem uma espécie de significação individual; um país, uma nação tem uma aparência individual; o mundo, um planeta, é uma espécie de indivíduo. Entretanto, como célula do corpo, todo ele faz parte do corpo; e assim nós todos fazemos par-

te do país, somos uma parte do mundo, e o planeta é uma parte do cosmos.

Que é o indivíduo? Existe um indivíduo: e tudo mais que parece no momento um indivíduo, podemos chamar um indivíduo. Ele é como nós o vemos. Quando não mais o vemos, podemos não mais chamá-lo assim. Quando vemos uma entidade, estacionando ao longe, exclusiva, separada, chamámo-la um indivíduo. Mas é devido a nossos olhos que a vemos separada. Há tempo em que não a vemos como entidade separada, a vemos ligada, a tudo mais que existe. O Sufi, portanto, naturalmente, depois de observar a vida a fundo, chega à idéia de um Indivíduo, e vê todo o ser refletido num Indivíduo. Na direção dessa idéia é que havemos de nos desenvolver.

E chegamos então ao que chamamos o mundo da mente, da personalidade. A personalidade é uma pintura que a alma reflete afim de manifestar-se naquele designio, é alguma coisa de que a alma partilha. Por exemplo, uma pessoa estava fazendo uma viagem, e no meio do caminho encontrou neve, e coberto de neve ficou; então chegou num lugar que estava seco, mas ao mesmo tempo ela havia trazido neve consigo. Assim acontece com a alma que se manifes-

ta. A alma que se está manifestando consigo trouxe a personalidade. Essa personalidade é que está agora, neste mundo físico, desenhando seu destino, que está agora construindo sua forma neste mundo físico. Portanto, se a pessoa tem de dar um nome a alguma coisa que a alma já trouxe consigo, pode dá-lo, mas a alma, originalmente, não parte com personalidade, parte como um raio divino.

Pode-se dizer: "Logo, não é verdadeira a expressão uma alma velha, quando a alma é nova?"

O que realmente acontece é que, em vez de chamá-la "velha personalidade", chamam-na "velha alma". Devemos porem compreender sempre — uma "velha personalidade"; pois que a alma, como a conhecemos, está com a veste da personalidade, e portanto, no seu sentido ordinário, é a personalidade que nós geralmente chamamos alma. Neste sentido, podemos dizer "a alma velha"; verdadeiramente falando, o que há é "velha personalidade".

A personalidade é uma outra vestimenta da alma. Esta caminha também, justamente como caminha o corpo. A personalidade é também ou tomada por um ou partilhada por muitos passageiros vindos da Fonte, chegando á

manifestação, demonstrando ao mesmo tempo a mesma personalidade, pois que ela é a mesma personalidade. A lagarta é representante da flor, da árvore, da planta, que ela absorveu em si; a lagarta é a reencarnação daquilo que ela meteu em si; e a lagarta, entretanto, ela mesma é uma entidade conhecida por nós, como tem a aparência de ser. Uma personalidade representando uma pessoa acabada certamente nela tem absorvido aquilo que ela está refletindo, noutras palavras, aquilo que ela meteu em si, que sobre ela se projetou, que ela tomou de empréstimo; e dessa personalidade é que ela pode se arrogar ser a reencarnação.

O que é feito do corpo depois da morte é diferente do que é feito da personalidade que sobrevive. Sendo o corpo uma substância, é comido e absorvido; mas sendo a personalidade uma pintura, se reflete no mundo mental. Por conseguinte, assim como o reflexo de uma pessoa sobre uma chapa fotográfica não rouba da personalidade a sua existência, assim também o reflexo de uma alma lançado sobre uma alma não rouba da alma a sua personalidade. A personalidade continua a viajar no rumo da meta através do necessário processo. Aquilo que é conhe-

cido como reencarnação é o reflexo que constroi outra personalidade sobre o mesmo desenho.

Surge então a questão, existe alguma conexão entre essas duas personalidades que são semelhantes? Certamente, o semelhante atrai o semelhante. Se no plano dos gênios se estabeleceu um laço entre duas almas, ela continua a existir. Desta maneira, é natural que o espírito de Shakespeare continui a inspirar a personalidade de Shakespeare na terra. À questão se pode haver ao mesmo tempo mais de uma incarnação da mesma pessoa pode se responder: Sim, uma pessoa pode ter muitos retratos, assim também podem se manifestar muitos reflexos de uma personalidade na terra.

Poder-se-ia perguntar: "A personalidade é a mesma como sentimento e pensamento, a qual continua depois da morte?" Certamente é; mas, ao mesmo tempo, a gente pode olhar para isso de um ponto de vista diferente. Há dois pontos de vista: um é que um corpo conosco permanece enquanto vivemos; e o outro é que uma parte do corpo se separa quando cortamos as unhas e o cabelo. Essa parte, que se separa, não se perde, não se destroi; mas a pessoa não pensa a respeito dela, do lugar para onde foi e do que foi feito dela. E assim é cada pensamen-

to e cada sentimento. As vezes os pensamentos se tornam elementares; se tornam seres vivos; se tornam criaturas vivas. Trabalham por nós ou contra nós. E se isso é verdade, então é o mesmo que acontece às diferentes partes do corpo de uma pessoa. Às vezes, nos casos de feridos na guerra, de mãos e dedos amputados, a pessoa não está pensando nessa parte que se tirou fora; mas essa parte foi também utilizada pela natureza, está existindo nalgum lugar. O mundo é um lugar onde nada se perde; apenas se muda. Um dedo ou perna cortada fóra vai andando para diante; e assim tudo que se separou da mente de uma pessoa. Foi-se para as esferas, mas está continuando a sua vida. E assim como os pais acham que seus filhos vivem depois deles, continuando a propria vida, cada pensamento e sentimento continuando também está a propria vida na esfera mental. Mas, ao mesmo tempo, havendo perdido um dedo ou perna do corpo, nós ainda vivemos; assim o pensamento e o sentimento prosseguem como indivíduos vivos. O homem não perde sua individualidade após a morte. Essa personalidade fazendo está o seu além-túmulo.

Quando, porem, chegamos à alma, da qual foi o corpo um invólucro, e a personalidade tam-

bem, aí temos precisamente um raio divino, eis que entendemos o raio como uma alma, o que é difícil para cada mente apreender. Porém, se a intuição, a inspiração permite a uma mente apreende-lo claramente, o que ela viu é uma alma, não uma personalidade; não um corpo, mas uma alma; uma entidade independente por si mesma, como um anjo, um gênio, e mesmo passando através daqueles estados, alguma coisa que está chegando a sua origem, que é o único objetivo que está no fundo do seu coração.

Cada encarnação, a um novo raio, se vivifica; porque a ação da alma não é sair e voltar de meio caminho, e daqui partir outra vez. Nem é isso a ação do respirar. A ação da alma é a mesma que a do respirar. Sai completamente e completamente se introduz. Cada respiração deve tocar o mais íntimo do ser de uma pessoa afim de que esta exista, pois a vida é impossível sem que a pessoa receba a cada momento a carga do mais profundo espírito. Cada respiração que uma pessoa toma toca à profundidade mesma do seu espírito; e não seria possível a ninguém viver se a respiração não tocasse à profundidade da vida. Portanto, verdadeiramente falando, pensamos que é a nutrição, que é o alimento, ou que são coisas fóra de nós, o que nos

mantém vivos; mas é a vida de Deus que adquirimos a cada momento com a respiração.

Como diz o vidente, esta manifestação toda diante de nós é um jogo de sombras; continua durante a noite, de manhã desaparece tudo. Pode-se perguntar: "Se essa é a condição, que é que se supõe nós fazemos? Considerando isso irreal não parece que chegamos a alguma coisa, mas, ao mesmo tempo, não considerando isso irreal, paramos no irreal, e não abrimos os olhos para o real." A idéia, portanto é fazermos o melhor deste mundo, que é irreal; e ao mesmo tempo segurarmos firme, com ambas as mãos, o conhecimento da realidade, que somente ele é o salvador no qual encontramos nossa libertação. Verdadeiramente, a Verdade é inspiradora, e somente a Verdade salvará.

AS QUALIDADES HERDADAS

Nesta época da evolução do mundo, pouca é a consideração prestada ao que podemos chamar qualidades herdadas. Em parte, porque o progresso individual está faltando, e em parte pelo crescimento, dia a dia maior, do materialismo. Quando se trata de comprar um cão, adquirir um cavalo, nosso pensamento se volta para os seus ancestrais, porque se dá valor ao cão ou ao cavalo de acordo com a sua origem; em relação ao homem, porém, estamos prontos a esquecer tal coisa. À medida que passam os dias, menos e menos consideração a isto se presta. Não ha dúvida que tem isto suas vantagens. Não obstante, aí está o fato de que as qualidades dos ancestrais se manifestam de ambos os lados na criança. Portanto, sobre o que a criança herda de seus pais e de seus avós, está colo-

cado o edifício da sua vida e da carreira da sua vida; esse é o alicerce da sua vida. E se um grande edifício for levantado sobre um fraco alicerce, este alicerce afinal se mostrará não ser bastante forte para sustentar o edifício; e se um edifício for levantado sobre um bom alicerce, podereis ficar certo de que ele estará seguro.

Como sucede isso num menino? Sim, se um menino é parecido com um dos seus pais, ou com um dos seus parentes do lado materno, ou paterno, a gente vê a razão disso; mas em relação à mente da criança estamos prontos a esquecê-lo, a negligenciar a questão de como pode chegar numa criança a qualidade mental. Mas compreender-se deve que o corpo é a expressão da alma; e se o corpo expressa os pais e os ancestrais, também a mente os representa; pois que o corpo é o produto da essência mental. Além disso, a imagem que uma criança apresenta dos seus pais e ancestrais não é física, é mental. Se a imagem mental se manifesta exteriormente no rosto do menino, certamente as qualidades paternas e ancestrais também se lhe refletem na mente.

Que dizer das qualidades que uma criança mostra inteiramente diversas das qualidades

possuidas por seus pais e ancestrais? Em primeiro lugar, a gente conhece tão pouco acerca da própria genealogia, até onde se pode rastrear para trás, siquer com dificuldade, cinco gerações. Pouca gente conhece mais do que cinco gerações da sua família. E uma criança pode herdar dos seus antepassados qualidades seis ou sete gerações para trás não conhecidas pela família; e tais qualidades se podem manifestar de uma forma inteiramente concreta. Nenhuma outra maneira existe de herdar uma alma qualidades não pertencentes aos seus pais e ancestrais? Sim; e essa maneira é o reflexo que uma alma trouxe consigo antes de ter vindo para este plano físico. Essas qualidades podem ser até mais claras na vida de uma alma do que as qualidades que ela herdou dos seus pais e ancestrais. Acontece portanto que às vezes se encontra um herói, um rei, um poeta, um general, um grande político tendo nascido em família das mais ordinárias, e que nenhum traço de tal saber achar-se-á entre os seus ancestrais, ou nos seus pais. Não obstante, pode ele ser um representante de Shakespeare, ou de Alexandre o Grande, procedente da mais alta esfera, mais ainda tem ele no corpo e na mente alguma propriedade herdada de seus pais e ancestrais, que

tambem permanece como um reflexo lançado sobre a sua alma.

Qual a maior qualidade na alma, a qualidade dos ancestrais e dos pais, ou a qualidade que a alma trouxe consigo das esferas mais altas? Nas profundezas daquela alma, se encontra a qualidade que ela trouxe consigo, na superfície está a qualidade que lhe deram os ancestrais. Se aquela qualidade inata é maior, então, pode tambem manifestar-se na superfície, cobrindo a qualidade que lhe deram os pais e ancestrais. Mas, se aquela qualidade não for bastante profunda, então as qualidades externas, que se manifestam na superfície, serão as qualidades principais, brilhando como as características de uma pessoa.

Como é que muitas vezes um menino é muito parecido com a mãe, no rosto, e semelhante ao pai no caráter? Ha muitas razões psicológicas. Em resumo, pode se dizer que uma criança é um produto dos reflexos de ambos, do pai e da mãe. E' do maior ou menor grau de concretismo dos reflexos, e tambem do maior e menor grau de concepção desses reflexos, que depende a face da criança.

Escolhe a alma conciente e intencionalmente seus pais? Sim, conforme seu estado de

consciência nesse tempo. Entra ela concientemente num fogo aceso? Sim, ela faz isso concientemente, mas ainda não está conciente do seu resultado; essa consciência vem depois. São os filhos responsáveis pelos pecados de seus pais? Absolutamente não. Suponha-se, porém, que um filho tem direito a herdar a fortuna do seu pai; se assim é, também lhe cabem as dívidas deixadas pelo pai; tem de pagá-las.

Crianças que vivem separadas de seus pais e são educadas por guardiães espirituais, estão livres da influência de um pai, cuja natureza não é boa? A influência espiritual é ilimitada. Pode produzir alguns resultados desejados, pode fazer de um espinho uma flor. Porque todas estas influências dos pais, ou ancestrais, ou influências internas, que uma alma trouxe consigo, são por igual reflexos e sombras. O real está no fundo de cada alma, seja elevado ou inferior; e se uma alma verdadeira se encontrar com estas crianças ou se elas forem postas em contacto com uma alma verdadeira, essa alma verdadeira penetrará mais cedo ou mais tarde através de todos os reflexos que cobrem o real existente em cada alma. Essa, a significação de Cristo apontar, todo o tempo, à humanidade que Deus tem a paternidade, que ela veja em Deus

o Pai, e assim herde as qualidades de Deus, que são grandes, superiores, reais e nobres, são divinas, ninguém no mundo, ou daqueles que encontramos no caminho, as possui.

Os Sufis chamam estas qualidades *Akhlak Allah*, que significa a maneira de Deus, ou a maneira divina. Um prescrutador da verdade, um adorador de Deus precisa de acreditar somente num Pai, e esse é Deus. Não somente acreditar, mas conhecer e estar conciente de Um, e herdar dessa Fonte perfeita, aperfeiçoando com isso a própria vida; e essa herança é que se chama divina.

XI

A INFLUÊNCIA DO MESTRE

Uma alma herda qualidades dos pais e ancestrais, bem como qualidades que ela trouxe consigo das esferas mais altas. Mas uma alma também herda as qualidades do mestre, especialmente na cultura espiritual, e sendo assim, de todos os diferentes mestres a pessoa herda certas qualidades. Mesmo quando um menino vai para uma escola elementar, ali aprende ele do mestre alguma coisa, não somente aquilo que é ensinado nos livros de que usa o mestre, mas também do espírito do mestre. Muitas vezes se verifica nas escolas aonde vão aprender os meninos que a influência de certo mestre produz tal impressão no caráter deles e no seu progresso.

Uma vez que a orientação espiritual não é necessariamente um estudo, o ensino que vem

do mestre para o discípulo, vem na forma de reflexão. Este ensino se chama em linguagem Sufi *Tawajjeh*. O que a pessoa aprende é aprendido em livros; mas o que a pessoa aprende do espírito, da alma, é aprendido de uma fonte viva. Por exemplo, a mesma coisa lida num livro não atinge tão profundamente como se fosse falada. E quando é falada pelo mestre vai ainda mais adiante. Ouvir de um mestre é uma reflexão direta. É, não somente a palavra que um mestre pronuncia, mas o próprio silêncio que é uma reflexão ainda maior.

Algumas vezes, as palavras escritas no papel pelo mesmo mestre, si vieram do fundo, também produzem um reflexo; mas se as mesmas palavras forem pronunciadas pelo mesmo mestre, essa reflexão será ainda maior.

Quando Tagore recita, ele mesmo, sua poesia é vinte vezes mais efetivo. As palavras de Rumi, por exemplo, do *Masnavi*, têm ainda um vivo encanto. Faz muito tempo que o mestre desapareceu; mas as palavras lhe surgiram da alma, e seu efeito é tão grande que, se uma pessoa lêr as palavras de Rumi, elas penetram na alma. É por isso que os místicos usam dar nomes aos seus discípulos. Não é somente uma projeção semelhante à de um cinema sobre a te-

la; é uma projeção sobre a alma, projeção produtiva, creativa, projeção que é viva. Na palavra falada, a impressão é maior, porque uma palavra falada ilumina, inspira a pessoa; a mesma palavra lida num livro não tem essa influência.

Conta um místico recordar-se de ter ouvido pela primeira vez na sua vida uma sentença que lhe causou tão viva impressão que ele não pode esquecê-la semanas e semanas depois. E cada vez que ele pondera sobre aquela sentença traz ela uma nova luz. Quando ele ouvia aquela sentença, parecia que era pronunciada por sua própria alma, que a sua alma a conhecia, que nunca era nova, mas era a mais cara e próxima dele. Era um verso, uma copla; ei-la aqui — uma bolha a dizer ao mar — “Comquanto eu seja uma bolha e tu sejas o mar, ainda assim eu e tu não somos diferentes”. É uma simples sentença, mas penetrou no seu coração tal como sempre lançada em terreno fértil. Desde esse tempo ela sempre cresceu, e cada vez que ele nisso pensava lhe trazia ela um novo reflexo. — Esse místico mesmo teve as mais interessantes experiências nesta questão.

Um iniciado havia lido certa idéia, certo ensinamento num livro, quatro ou cinco vezes,

mas só a compreendeu mais inteiramente quando o místico lhe disse. Dizer-lhe uma vez foi mais útil para ele do que se ele tivesse lido a mesma idéia mais de cinquenta vezes. As letras no papel às vezes alcançam até aos olhos, mas a palavra vindo da alma alcança a alma. Portanto, aquilo que se aprende pelo fenômeno da reflexão é de um valor maior do que o aprender por outra forma, especialmente na linha espiritual.

Houve uma vez uma conferência de religiosos em Calcutá, e representantes de todas as escolas místicas foram convidados para esse congresso. Shankara Charya foi o principal representante do Bramanismo ali presente. Depois da mais impressionante conferência pronunciada por Shankara perante a assembléa, quis ele sentar-se em silêncio, mas desejaram da parte do auditório que fossem respondidas algumas das suas questões. Shankara Charya olhou para um lado e outro dos seus discípulos e pediu a um discípulo que respondesse as questões. Que discípulo era este? Era alguém que não era conhecido nem pelos discípulos de Shankara Charya, pois se ocupava mais das vezes com o jantar de Shankara Charya, ou com a limpeza do quarto e a sua arrumação. Assim, a gente

que se sabia ser alguma coisa não era chamada; aquelê homem, de cuja existência ninguém sabia, era chamado. E a resposta que ele deu a cada pergunta — coisa que ele nunca havia feito em toda sua vida, ali estando somente porque o chamaram, sem pensar se teria capacidade para dar a resposta ou não, cada resposta foi dada como se o fôra pelo próprio Shankara Charya. Os discípulos de Shankara Charya estavam cheios de admiração, e perplexos ao mesmo tempo, não tendo visto aquele homem entre eles. É isto o que os Sufis como *Tawajjeh*, reconhecem como reflexão. Não era aquele discípulo, era o mestre mesmo que ali estava falando.

A reflexão vem do mestre, e também de longe. A distância não faz diferença. O discípulo que está perto do seu mestre, embora esteja do outro lado do mundo, está mais perto do que uma pessoa que não está distante, que pode estar todo tempo ao seu lado; todavia, no caminho do progresso espiritual uma reunião no plano físico é às vezes necessária, um contacto tem seu valor. É justamente semelhante a dar corda a um relógio.

É possível que alguém fale por reflexão sem compreender ele mesmo o que está dizendo? Sim, ao mesmo tempo uma reflexão da

mente não é como uma reflexão numa chapa fotográfica. Uma reflexão numa chapa fotográfica permanece, mas não vive; a reflexão sobre a mente, porém, vive, e portanto é creadora.

Isto nos leva à questão da mediunidade. Às vezes as pessoas podem cantar cantigas que não lhes pertencem, que nunca aprenderam, que não se supõe que elas conheçam. Houve uma rapariga em Bombaim que não conhecia a lingua persa, mas havia vezes em que ela falava essa lingua; e o Persiano que ela falava era tão bom que estudantes persas adiantados costumavam vir discutir com ela, e ela costumava discutir sobre pontos de metafísica, ficando sempre firme nos seus argumentos, e os impressionando com isso; e depois, outras vezes, não o sabia ela. Mais das vezes, porém, assim acontece com os poetas, especialmente com os poetas místicos. Escrevem eles coisas, por vezes, que eles mesmos não conhecem. Às vezes podem interpretar ou compreender melhor suas poesias dez anos depois. Um amigo de um místico escreveu poesia, usando termos conhecidos apenas dos altos iniciados. O místico ficou muito admirado e perguntou-lhe: "Que entende você por isto?" Foi então que o poeta

compreendeu que não sabia o que significava aquela parte. Mas nenhum poeta pode ser um grande poeta se não for por natureza medium-místico. Porque a Fonte Perfeita está no íntimo, e a reflexão que vem do íntimo é mais perfeita do que aquilo que uma pessoa aprendeu aqui.

Além disso, aquilo que se chama a cadeia de Murshids — o que significa de uma alma outra alma recebeu, e de outra alma outra alma recebe, e assim por diante — é também uma reflexão. Um tesouro que não pode ser ganho pela meditação, ou pelo estudo, se ganha pela reflexão. Sem dúvida o estudo faz uma pessoa isto compreender; a meditação prepara o coração para melhor receber o reflexo. Mas a admiração que o reflexo da mente produz é muito maior do que outra qualquer impressão feita na linha espiritual, pelos estudos. Encontram-se experiências admiráveis nas antigas escolas de misticismo, entre os Sufis, entre os Yogis, também entre os Budistas, de que o conhecimento adquirido talvez quatro mil anos passados é posto em linguagem mais clara e melhor explanado, e entretanto mantem a beleza e característica de toda a tradição. E a beleza do conhecimento místico é esta, que seja qual

for a escola, e venha de onde vier no mundo, o tema central do conhecimento da Verdade é sempre um e o mesmo. Pessoas que tenham obtido conhecimento de diferentes aspectos da vida podem diferir em sua expressão, podem disputar sobre isso, podem não concordar sobre certas coisas; mas aqueles que tocaram a Verdade última, alcançaram a mesma Verdade. A evolução, ou involução, não a diminui, nem a aumenta de nada. Ela é o que é; e melhor se atinge por via da reflexão.

XII

AS LIÇÕES DA VIDA

Tudo que a gente aprende e expressa quotidianamente na vida se tem aprendido por meio da reflexão, e isto pode ser bem estudado se a gente observar as vidas dos moços que estão crescendo, porque o modo de andar, de sentar-se, de falar, que um moço mostra, é sempre um reflexo, uma impressão que lhe caiu no coração, e ele apanhou e expressa como se fosse maneira própria dele, seu próprio movimento e modo de expressão. Dificil não é para os pais cuidadosos chegar à convicção de como um jovem subitamente muda a maneira de seus movimentos, subitamente adquire um tique para certa palavra que ele apanhou nalguma parte, subitamente muda a maneira de portar-se. E moços há, em cujas vidas veremos cada dia nova mudança — mudança na voz, na palavra

e nos movimentos. Nem ele próprio sabe de onde lhe veio aquilo; e entretanto aquilo veio de alguma parte. A voz, a palavra ou o movimento, a maneira ou atitude, que se imprimiram no seu coração, mudam-se na sua vida quotidiana. Sem dúvida, quando a pessoa vai ficando velha, menores são as mudanças; porque, então, é o tempo do aparecimento, em tudo que ela diz ou faz, das impressões coligidas. Uma criança, porém, um moço é especialmente impressionável; e tudo que ele expressa é o que ele colheu de outros. No Oriente houve um costume de não se permitir a ninguém ver uma criança recém-nascida, exceto às pessoas estimadas na família, e cujas impressões eram consideradas capazes, inspiradoras de uma boa influência. Tem se verificado que uma criança herdou qualidades de sua mãe de criação, não somente elementos físicos, mas também qualidades mentais. E frequentemente se tem provado serem as qualidades da mãe de criação mais pronunciadas na criança do que mesmo as qualidades da própria mãe. Isto não quer dizer que a criança não possui as qualidades maternas mais do que as da mãe de criação. Acontece apenas que as qualidades da mãe de criação se encontram na superfície e são

mais pronunciadas. Poucos sabem ou pensam acerca desta questão, da grande influência que tem uma ama, uma governante sobre uma criança que está crescendo. São as faculdades da ama que se desenvolvem desconhecidamente na criança. E nesse tempo de vida artificial os pais, que negligenciam seus filhos a ponto de entregá-los absolutamente nas mãos de outra pessoa, não sabem de que estão privando a criança. Privam-na talvez daquela influência dos próprios pais, que seria mais aconselhável. Sem dúvida, em alguns casos a influência da governante é melhor do que a influência dos pais. Todavia, a criança recebe profundamente impressões e reflexos, quando se trata de uma impressão que primeiro lhe tenha caído em cima na sua infância, quer proveniente da mãe de criação, ou recebida da ama ou de uma governante que dela tenha cuidado.

Recebemos reflexos apenas se amamos ou admiramos, ou também no caso contrário? Apanhamos reflexos de ambos, de quem admiramos, e de quem odiamos. "Mas então existe repulsa", poder-se-á dizer. Sim; mas a repulsa vem depois que já temos recebido o reflexo. Antes de vermos a feiura, já se refletiu a feiura em nossos olhos. A mente é como os olhos, precisamen-

te. Nós dizemos: "Isto é feio", mas antes que digamos: "Isto é feio", já se refletiu a feiura em nossos olhos.

A pessoa pode se abrir aos reflexos da beleza sendo senhora de si mesma em tudo que faz, sendo senhora de sua vida; e isso acontece pela auto disciplina. Por mais alto que uma pessoa se eleve ou evolua, entretanto, se estiver sem controle, não dará crédito à sua evolução; o crédito na própria evolução tem a pessoa que evolui intencionalmente. Ela evolui porque deseja evoluir, quer dizer — tem o domínio de si mesma. O crédito, portanto, está no domínio.

Por exemplo, um devoto estava sentado num navio com uma pessoa ordinária. E esta pessoa disse: "Oh! como é terrível este barulho contínuo. Isto me arreventa os nervos. Terrível, terrível, terrível! Dia e noite, dia e noite, ouvindo isso continuamente. Isto quase me põe louco"! O devoto disse: "Eu não ouvi tal barulho até que você me chamou a atenção para ele. Eu o ouço quando quero ouvi-lo; e não o ouço quando não quero ouvi-lo". Esta é a idéia. Ambos tinham o sentido auditivo, mas um tinha o poder de fechar e abrir os ouvidos; o outro tinha as portas do sentido auditivo abertas, e não podia fechá-las.

As vidas consideremos agora das grandes personalidades do mundo. A maior parte das grandes almas, os poetas, músicos, escritores, compositores, inventores, têm sofrido o reflexo de alguma personalidade. Eles o conservam conciente ou inconcientemente, até que ele cresce de modo a culminar numa grande personalidade. Por que torna esse reflexo uma semente, dá flores e frutos de acordo com a sua natureza e caráter. As rosas dão bem nas visinhanças de rosas, e os cardos, nos logares de cardos. As sombras das grandes personalidades produzem grandes personalidades. Porque se dá tudo isso? É tudo isso uma reflexão, o fenômeno todo é de reflexões; e portanto a reflexão que tem algum valor deve dar resultados valiosos.

Pode um reflexo de uma grande personalidade alcançar uma pessoa através de suas obras, por exemplo, a de um poeta, de um pintor? Certamente. Em tais ocasiões é que ela produz a maior das obras que jamais produziu na vida, um trabalho diante do qual a pessoa fica maravilhada, pois não pode compreender como foi feito.

No caso dos sábios da Índia, conhecidos como Krishna, Rama e Mahadeva, e conhecidos como avatares ou encarnações de personalidades

divinas, que foi isso? A Divina Personalidade se refletiu neles. Os grandes avatares, acerca dos quais lemos nas tradições dos Hindús, têm sido manifestações dessa reflexão. No caso das personalidades à semilhança de Cristo, que encontramos nos santos dos tempos antigos, que foi isso? Foi Cristo manifestado nos seus corações. A inspiração dos doze Apóstolos, o Espírito Santo descendo sobre eles, que foi isso? Não foi o reflexo mesmo de Cristo? Não precisamos de ir longe a busca de suporte para este argumento. Os Califas à imitação do Profeta Maomé, Osmar, Sadik, Ali, Usman, mostraram no seu caráter, na sua natureza, a fragrância da existência do Profeta.

Chegamos então à linha dos grandes Murshids na linha Sufi, e vemos o reflexo de Shamsi Tabriz no seu discípulo (*mureed*) Jellal-ud-Din Rumi, autor do Masnavi.

Especialmente na escola de Chishtis, que é dos Sufis dos antigos tempos, a melhor escola conhecida, encontramos talvez mais de dez grandes personalidades, em diversas épocas, provando serem os exemplos das almas que venceram o mundo pela maneira divina de sua personalidade.

Agora trataremos de nossa experiência pessoal quotidiana. Cada pequena mudança que encontramos em nós mesmos, em nosso pensar e sentir, em nossa fala e movimento, é também por nós apanhada inconscientemente de alguma outra pessoa. A pessoa mais inteligente, a pessoa que é mais viva é mais susceptível a reflexões; e, se acontece que essa pessoa seja mais espiritual, então recebe reflexos de ambos os lados, da terra e do outro lado. Nela achareis uma mudança cada dia e cada momento, certa mudança que é, ainda, o fenômeno da reflexão.

Uma pessoa num estado anormal negativo também recebe reflexos do mundo interior; porque se encontram no asilo de alienados muitos casos de mediunidade. São médios; os médicos podem não conhecê-lo, e podem chamar a isso alguma forma de alucinação; mas, na verdade, se trata de uma alma mediúnica, aberta a uma outra reflexão vinda do outro lado. Omar Khayyam, porém, disse:

“A espessura de um cabelo
Divide o erro da verdade.”

Tal é a condição entre o normal e o anormal. Justamente a espessura de um cabelo. É a mesma faculdade, o mesmo estado de espírito

que faria um iluminado, e justamente uma pequena diferença pode fazer uma pessoa insana.

No caráter de cada pessoa existe certa característica mantida por ela através da sua vida, a despeito de todos os reflexos que a muda continuamente? Ninguém tem seus característicos peculiares, embora cada um pense: “Eu tenho certo caráter”, e todo mundo sente prazer em dizê-lo. Estas coisas não pertencem a ninguém. A alma vem pura de todas essas coisas; toma-as quando vem. Mas o que pertenceu a uma pessoa ontem é seu caráter próprio como o conhecemos; e o que ela mostra hoje nós pensamos que ela partilhou de outrem. Por conseguinte, a melhor maneira de saber o que pertence a nós é saber que tudo que sabemos nos pertence.

XIII

A CONCEPÇÃO DE DEUS

Tem Deus consciência de toda a criação, além da consciência que Ele tem dos seres em separado? Isto pode ser explicado assim: cada parte do nosso corpo é conciente da dor que ela sente, se dor está ela sofrendo, — uma esporadela, ou qualquer outra coisa; — mas, ao mesmo tempo, não é apenas essa parte particular que tem consciência disso. Toda a consciência do homem aí está a partilhar aquela sensação. Significa isto que toda a consciência do homem também experimenta a mesma dor que uma parte do seu corpo experimenta; e às vezes uma doença numa parte do corpo tem um efeito sobre todo o corpo. Sem dúvida, a parte do corpo afetada por moléstia pode ali mostrar o sinal disso, não mostrando outra parte do corpo o sinal da moléstia. No entanto, em certa medida,

é afetada e sofre por isso. Se Deus é tudo e está em tudo, então experimenta Ele a vida não somente através de todas as formas e através de todas as entidades, separadamente, mas também coletivamente, quando a dor de um órgão é sentida por todo o corpo.

Vemos que nossa vida é cheia de impressões, que recebemos conciente ou inconcientemente, e disso derivamos benefício ou temos a desvantagem. Aprendemos com isto que, se estivesse em nossas mãos receber ou regeitar reflexos, ficaríamos senhores da vida.

Agora, a questão é como aprender isso, como podemos arranjar para receber impressões que sejam benéficas, e como regeitar as que não quisermos receber.

A primeira coisa, e a mais essencial é fazer do coração um coração vivo, purificando-o de todas as impressões indesejáveis, fazendo-o limpo de idéias e crenças fixas, e então lhe dando uma vida; vida que está dentro dele mesmo, e que é o amor.

Quando o coração estiver assim preparado, então, por meio da concentração, aprender como focalizá-lo porque nem todo mundo sabe como focalizar o coração para receber certo reflexo. Sim, um poeta, um musicista, um escritor, um

pensador, inconscientemente focaliza a mente para o trabalho de alguém que viva diante dele; e, focalizando a mente para a obra da grande personalidade, põe-se ele em contacto com aquela personalidade, e deriva disso benefício, muitas vezes não conhecendo o segredo. Um musicista pode estar pensando em Bach, Beethoven, ou Wagner. Pondo a mente para aquela obra particular deriva ele, sem o saber, aqueles reflexos do espirito de Wagner ou Beethoven, que são grandes ajudas para sua obra; e na sua obra expressa ele os reflexos que recebe.

Mas isto nos ensina, então, que, à medida que avançarmos no caminho da conquista do espiritual, chegaremos ao grau em que estaremos aptos a focalizar nossa mente, ou o coração, em Deus. E aí receberemos, não somente o reflexo de uma personalidade, mas os reflexos de todas as personalidades. Não veremos então em forma de uma gota, mas na forma de um oceano. Aí teremos a reflexão perfeita, desde que possamos focalizar somente em Deus nosso coração.

Porque é que entre a gente simples e iletrada se encontra uma crença em Deus, e entre os mais intelectuais parece existir uma falta dessa crença? A resposta é que os intele-

ctuais têm sua razão. Eles não crêem naquilo que eles não vêem. E, se métodos tais como esses das antigas fés e crenças eram prescritos, de adorar a Deus adorando o sol, uma árvore sagrada, ou um animal sagrado, ou adorar a Deus diante de uma arca, um altar ou uma imagem de algum idéial, o intelectual hoje em dia poderia dizer: "Isto é uma coisa que eu fiz; isto é uma coisa que eu conheci". É um objeto; não é uma pessoa; e desta maneira a pessoa intelectual parece estar perdida. Aquelas não intelectuais têm sua crença em Deus e aí ficam; não vão mais adiante, nem são beneficiadas por sua crença.

Mas o processo que o sábio toma como o melhor para os que buscam a verdade adotarem é o processo de primeiramente idealizar Deus, e depois realizar Deus. Por outras palavras: primeiramente fazer Deus, e Deus nos fará. Como se lê no *Gayan*, "Faze de Deus uma realidade, e Deus vos fará a Verdade". Isto pode ser compreendido por meio de uma pequena história. Foi uma vez uma artista; esta artista era devotada a sua arte; nada mais no mundo tinha atração para ela. Tinha ela um estúdio; e quando quer que dispuzesse de um momento o seu primeiro pensamento era

ir para o estúdio e trabalhar na estátua que estava fazendo. O povo não podia compreendê-la bem, pois nem todo mundo é devotado a uma coisa como esta. Uma pessoa certa vez se interessa pela arte, outras vezes pelo seu lar, outras pelo teatro. Ela, entretanto, não se importava; ia diariamente para o seu estúdio e empregava a maior parte do seu tempo em fazer esta obra de arte, a única obra de arte que ela fez na sua vida. E quanto mais acabada estava a obra, mais começava a artista a sentir-se delectada com ela, atraída por ela, para aquela beleza à qual estava devotando seu tempo. Aquilo começou a manifestar-se aos seus olhos, e ela começou a comunicar-se com aquela beleza. Para ela não era mais uma estátua, era um ser vivo. No momento em que a estátua ficou acabada, não pôde ela acreditar em seus olhos, que aquilo tudo havia sido feito por ela. Esqueceu o trabalho que havia posto naquela estátua, o tempo que aquela estátua lhe tinha tomado, a idéia, o entusiasmo. A estátua absorveu-a na sua beleza. O mundo não existia para ela; o que se apresentava diante dela era aquela beleza. Não podia acreditar por um momento que aquilo fosse uma estátua. Ali, o que ela via era uma beleza viva, mais viva do que qualquer

outra coisa no mundo, inspirando, revelando. Sentia-se exaltada na beleza daquela estátua. E tão vencida pela impressão que lhe produziu aquela estátua que se ajoelhou diante daquela perfeita visão de beleza, com toda humildade, e pediu que a estátua falasse, esquecendo-se inteiramente de que aquilo era sua obra, de que aquilo era a estátua que ela havia feito. E como Deus está em todas as coisas, como Deus Mesmo é toda beleza que existe, e como Deus de qualquer parte responde, se o coração estiver pronto a escutar essa resposta, e como Deus está pronto a comunicar-se com a alma que estiver desperta para a beleza de Deus, veio da estátua uma voz: "Se tu me amas, uma condição apenas se impõe; a de tomar este copo de veneno da minha mão. Se me quiseres viva, não mais viverás. Aceitas?" "Sim", respondeu ela. "Sois bela, sois a bem amada, sois aquela a quem eu dei todo o meu pensar, minha admiração, minha adoração; até a minha vida vos darei". "Toma este copo de veneno", disse a estátua, "que não mais possas viver". Para ela, isso era como um néctar: "Ver-me-ei livre de viver. Essa beleza viverá, a beleza que eu tenho adorado e admirado permanecerá. Eu não preciso viver mais tempo." Tomou o copo de veneno e caiu

morta. A estátua levantou-a e beijou-a dando-lhe a própria vida, a vida do que é belo e sagrado a vida, que dura sempre, eternamente.

Esta história é uma alegoria da adoração de Deus. Deus é feito primeiro; e os artistas que têm feito Deus foram os profetas, os mestres, que chegam de tempos em tempos. Têm sido eles os artistas que têm feito Deus. Quando o mundo não estava bastante desenvolvido, faziam eles Deus de pedra; quando o mundo estava um pouco mais adiantado, davam eles a Deus a palavra. Em louvor de Deus, pintavam a imagem de Deus e davam à humanidade a alta concepção de Deus fazendo um trono para Ele. Em vez de fazê-lo de pedra, o faziam no coração do homem. Quando este reflexo de Deus, que é toda a beleza, magestade e excelência for inteiramente refletido numa pessoa, então, naturalmente estará ela focalizada para Deus. E desse fenômeno, o que surge do coração do adorador é o amor e a luz, a beleza e a força que a Deus pertencem. É por isto que se procura Deus na revelância a Deus.

O livro brasileiro, bom e barato

ALGUMAS EDIÇÕES BRASÍLICAS

- MATO GROSSO por Virgílio Corrêa Filho — Alentado vol. com ilustrações. Preço br. 10\$000.
- VAE SOLI por José Soares Dutra. Ensaio de novela. Preço br. 5\$000.
- VIDA por Mario Martins. Crônicas e estudos biográficos. Preço br. 5\$000.
- OLAVO BILAC por Melo Nóbrega. Prêmio da Academia de Letras. Preço br. 6\$000.
- A PAZ PERPÉTUA, célebre obra de Emmanuel Kant, tradução do prof. Rafael Benaion. Preço br. 3\$500.
- O CAMINHO DA PAZ, pelo prof. João Cabral. Cartilha da atualidade. A esgotar-se o 3.º milheiro. Preço br. 3\$000.
- TONIO BORJA por Cordeiro de Andrade. Romance regional e psicológico. Preço br. 8\$000.
- IDADE MÉDIA, A CAVALARIA E AS CRUZADAS por Ivan Lins. O maior livro, no gênero, da atualidade. Quasi esgotado. Preço br. 20\$000. (Somos também distribuidores de todos os livros do Dr. Ivan Lins).
- O DUPLO de Otto Rank, 2.ª ed., revista pelo prof. João Cabral. Preço br. 5\$000.
- A PRONÚNCIA BRASILEIRA pelo prof. Candido Jucá (filho). Curiosíssimo estudo de prosódia comparada. Preço, brochado 10\$000.
- O HOMICÍDIO POR COMPAIXÃO por Eros de Moura. Prêmio do Inst. da Ord. dos Advogados Brasileiros. Preço brochado, 6\$000.
- O QUINHÃO DA MULHER por Leão Tolstoi. Tradução esmerada, pelo prof. João Cabral. Preço br. 6\$000.
- CULTURA DE FICHÁRIO, por Joaquim Pimenta. Sociologia, Crítica e Doutrina. Grande sucesso. A esgotar-se. Preço, brochado 10\$000.
- COOPERATIVAS ESCOLARES, por Fábio Luz Filho, 2.ª ed., muito melhorada, atualizada e com ilustrações. Quasi esgotado. Preço, br. 10\$000.
- CAMINHOS DA VIDA E DA MORTE, poemas, por Martins Napoleão. Preço br. 6\$000.

Pedidos à

COEDITORA BRASÍLICA

(Cooperativa)

RUA 13 DE MAIO, 44-A, S. 1604 — TEL. 42-3112

RIO DE JANEIRO

BORSOI — Imprimiu.

Senado, 267/269